Machine Translated by Google



How to Learn a Foreign Language

50 YEARS PIMSLEUR

Paul Pimsleur, Ph.D.

PIMSLEUR LANGUAGE PROGRAMS

Machine Translated by Google

Obrigado por baixar *Como aprender uma língua estrangeira* do Dr. Pimsleur

Inscreva-se em nossa newsletter e receba ofertas especiais de Cursos Pimsleur, notícias dos próximos idiomas e outros Pimsleur notícias.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

ou visite-nos online para se inscrever em www.pimsleur.com

Machine Translated by Google

HOW TO LEARN A FOREIGN LANGUAGE

by
Paul Pimsleur, Ph.D.

PIMSLEUR LANGUAGE PROGRAMS
New York London Toronto Sydney New Delhi

Machine Translated by Google

Índice

Prefácio

Vida e carreira de Paul Pimsleur

Prefácio à Primeira Edição

Os “porquês” da aprendizagem de línguas

1. Todos podem aprender outro idioma 2. Quando um idioma é fácil de aprender?
3. Quanto tempo leva para aprender um idioma?
4. Qual idioma você deve selecionar?
5. Aprendendo os “truques do comércio”
6. Aprendizagem Orgânica 7. As Palavras e a Música

Os “comos” da aprendizagem de línguas

8. Como praticar a pronúncia
9. Como dominar a gramática
10. Como aprender vocabulário

Conclusão

11. Chave de respostas além da palavra falada *para questionário sobre palavras francesas “adivinhadas” Apêndice 1: Idiomas do mundo Apêndice 2: Programas de idiomas Pimsleur publicados Programas de inglês como segunda língua*

Sobre Paul Pimsleur

Machine Translated by Google

Para Jean

Machine Translated by Google

Prefácio

Para mim, este é o livro perfeito para aprender um novo idioma.

É tudo o que a maioria das ferramentas de aprendizagem de línguas não é. É direto, cheio de pérolas úteis de sabedoria que são facilmente incorporadas ao estudo diário de um novo idioma. É claro e bem escrito, e em nenhum lugar a “linguagem acadêmica” aparece no texto.

As teorias de Paul Pimsleur, expressas em *Como aprender uma língua estrangeira,* são enganosamente simples. Em seu próprio ensino, o Dr. Pimsleur viu alunos falharem repetidamente e serem desligados do que para ele era o desafio mais emocionante do mundo: aprender um novo idioma.

Este livro se dirige igualmente aos diferentes tipos de aspirantes a aprendizes de línguas – desde aqueles que se consideravam marcados para o resto da vida pelo inferno do espanhol no ensino médio até os alunos mais confiantes que desejam abordar toda a gama de diferentes idiomas. Você ficará surpreso com o agrupamento do Foreign Service Institute (FSI) de idiomas “fáceis” a “difíceis”: qual idioma está classificado onde não é totalmente óbvio.

Paul Pimsleur foi muito direto em seus conselhos sobre o que procurar em um professor: quando a experiência em sala de aula não vai ajudá-lo a aprender e quando vai, quando você tem o direito de se opor ao desperdício de tempo com métodos que não vou te ensinar nada.

Muito do que conheci como Método Pimsleur é desenvolvido desde o início neste livro.

À medida que Pimsleur orienta você passo a passo através de seus conselhos diretos sobre como aprender um idioma, ele expõe os princípios do Método Pimsleur, respondendo a muitas das perguntas que tive sobre o raciocínio por trás do programa. Ao final deste pequeno livro, você terá se beneficiado de seus anos de experiência e dos resultados de suas pesquisas que o levaram a definir os comportamentos que comprovadamente resultam no aprendizado de um novo idioma com mais facilidade.

Também tenho sorte de estar em contato frequente com a esposa do Dr. Pimsleur, Beverly, e sua filha, Julia, que nos incentivam a divulgar Pimsleur. Tão importante quanto, cada um deles evita que Paul Pimsleur se torne uma estátua sem vida, fornecendo constantemente insights e anedotas sobre Pimsleur que nos permitem pensar nele como presente em nossos negócios diários.

Já se passaram cerca de trinta e sete anos desde que Paul Pimsleur morreu de ataque cardíaco enquanto lecionava na Sorbonne, em Paris. Sua esposa, Beverly Pimsleur, trouxe o manuscrito deste livro para Charles Heinle, o editor original, e ele o publicou em 1980. Foi

Machine Translated by Google

A esposa de Charles, Beverly Heinle, editora-chefe do Pimsleur Language Programs, que sugeriu que o republicássemos como parte da celebração do nosso quinquagésimo aniversário em 2013.

As estatísticas e outros materiais de referência têm mais de trinta anos, mas permanecem direcionalmente corretos – o ponto subjacente seria o mesmo se fossem todos traduzidos para valores de 2013.

Gostaria apenas que esta edição refletisse o que o Dr. Pimsleur teria feito com toda a nova tecnologia que surgiu nos trinta anos seguintes. Ele sempre esteve na vanguarda: na década de 1960 foi responsável pelo desenvolvimento do primeiro laboratório de idiomas computadorizado na Ohio State University, onde montou um empreendimento com a Ohio Bell Telephone Company que permitiu aos alunos aprender em seu próprio ritmo, ligando diretamente para ouvir fitas pré-programadas. Não posso deixar de pensar que ele admiraria o revolucionário aplicativo Course Manager que desenvolvemos.

Para comemorar o quinquagésimo aniversário dos programas Pimsleur, estamos republicando o livro original de Paul Pimsleur, *Como aprender uma língua estrangeira.* É surpreendente como resistiu ao teste do tempo.

Os sistemas mecânicos de entrega mudaram: para fitas cassete, discos e gravadores, agora você pode ler CDs e downloads. Os alinhamentos políticos no Apêndice 1, “Línguas do Mundo”, mudaram, mas as línguas permanecem. O número de falantes listados na Tabela 2, “As Doze Línguas Mais Faladas”, aumentou e a ordem de classificação das línguas flutua, mas ainda são as mais faladas.

E todo o resto é verdade: a sabedoria de Paulo é tão valiosa hoje como era quando foi publicado originalmente.

Robert Paris mais rico

Programas de idiomas Pimsleur

Machine Translated by Google

Vida e carreira de Paul Pimsleur

Paul Pimsleur (17 de outubro de 1927 a 22 de junho de 1976) foi um estudioso da área de linguística aplicada. Ele desenvolveu o sistema de aprendizagem de línguas Pimsleur, que, juntamente com suas muitas publicações, teve um efeito significativo nas teorias de aprendizagem e ensino de línguas.

Paul Pimsleur nasceu na cidade de Nova York e cresceu no Bronx. Seu pai, Solomon Pimsleur, era francês e compositor de música; sua mãe nascida nos Estados Unidos era bibliotecária na Universidade de Columbia.

Dr. Pimsleur obteve o diploma de bacharel no City College de Nova York; ele recebeu o título de mestre em estatística psicológica e o doutorado. em francês, ambos pela Columbia University.

Ele primeiro ensinou fonética e fonêmica francesa na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Depois de deixar a UCLA, Pimsleur passou a trabalhar como professor na Ohio State University, onde lecionou francês e línguas estrangeiras. Na época, o programa de ensino de línguas estrangeiras da OSU era o principal programa de doutorado na área nos Estados Unidos. Enquanto esteve lá, criou e dirigiu o Listening Center, um dos maiores laboratórios de idiomas dos Estados Unidos. O centro foi desenvolvido em conjunto com a Ohio Bell Telephone e permitiu o estudo individualizado do idioma usando uma série de fitas automatizadas e instruções entregues por telefone.

O Dr. Pimsleur, juntamente com vários linguistas renomados e especialistas na área de ensino de línguas, foi chamado a Washington, DC, em 1962, para uma discussão sobre o que poderia ser feito para melhorar o ensino de línguas estrangeiras nos Estados Unidos. A matemática e as ciências não foram as únicas áreas consideradas deficientes quando o sistema educativo dos EUA foi examinado na sequência do Sputnik e da vitória soviética na corrida ao espaço.

Dr. Pimsleur propôs a criação de um programa de auto-estudo de linguagem em áudio baseado em sua própria metodologia de sala de aula e em sua experiência com alunos do Centro de Audição. Para poder avaliar a eficácia da sua abordagem, foi-lhe pedido que escolhesse uma língua não familiar à maioria dos falantes de inglês. Ele escolheu o grego, que também tinha a vantagem da dificuldade adicional por causa de um alfabeto não latino.

Pimsleur e sua esposa, Beverly (que atuou como pesquisadora enquanto ele produzia e gravava o curso), foram para a Grécia em março de 1962. Eles retornaram em agosto daquele ano, e o primeiro curso de Pimsleur, Speak *& Read Essential Greek: A Tapeway Programa,* foi publicado pelo próprio em março de 1963. Os idiomas subsequentes empreendidos pelo Dr. Pimsleur foram francês (1964), espanhol (1966), alemão (1967) e twi (1971).

Machine Translated by Google

Mais tarde, Pimsleur foi professor de educação e línguas românicas na Universidade Estadual de Nova York, em Albany, onde ocupou cátedras duplas em educação e francês. Ele foi professor Fulbright na Universidade Ruprecht Karls de Heidelberg em 1968 e 1969 e membro fundador do Conselho Americano para o Ensino de Línguas Estrangeiras (ACTFL). Ele pesquisou sobre a psicologia da aprendizagem de línguas e, em 1969, foi chefe da seção de psicologia da aprendizagem de segundas línguas no Congresso Internacional de Lingüística Aplicada.

Sua pesquisa se concentrou na compreensão do processo de aquisição da linguagem, principalmente do processo de aprendizagem de crianças, que falam uma língua sem conhecer sua estrutura formal. O resultado desta pesquisa foi o sistema de aprendizagem de línguas Pimsleur.

Através desta pesquisa, ele identificou três fatores que poderiam ser medidos para calcular a aptidão linguística: inteligência verbal, capacidade auditiva e motivação. Ele foi um dos primeiros educadores de línguas estrangeiras a demonstrar interesse por alunos que tinham dificuldade em aprender uma língua estrangeira e ao mesmo tempo se saírem bem em outras disciplinas.

Após a morte do Dr. Pimsleur, o Prêmio ACTFL-MLJ Paul Pimsleur para Pesquisa em O Ensino de Línguas Estrangeiras foi criado e é concedido anualmente.

Machine Translated by Google

Prefácio à Primeira Edição

O manuscrito deste pequeno livro sobre línguas estrangeiras e como aprendê-las foi colocado em minhas mãos pela viúva de Paul Pimsleur, Beverly Pimsleur, cerca de três anos após a morte prematura de seu marido em Paris, onde ele lecionava na Sorbonne.

Ela me contou o quanto Paul queria ver este livro publicado e que ela achava que estudantes de línguas de todos os lugares deveriam ter a oportunidade de se beneficiar de seus insights e experiências como professor mestre. As páginas deste livro contêm os conselhos essenciais que foram a base de seu ensino eficaz de idiomas.

Algum tempo depois, depois de ler a obra e, devo confessar, com grande alegria tanto pelo conteúdo quanto pelo estilo brilhante, liguei para Beverly e disse a ela que queríamos publicá-la por dois motivos: primeiro, porque a memória de o seu marido mereceu isto como um tributo adequado às suas notáveis contribuições para o campo da pedagogia da língua; e segundo, porque não disponibilizá-lo representaria uma perda considerável para todos os estudantes de línguas, especialmente nos Estados Unidos, onde o estudo de línguas estrangeiras precisa ser incentivado e desenvolvido para que os norte-americanos possam eventualmente ocupar o seu lugar no globo como cidadãos do mundo!

Este é claramente o lugar para mencionar o sonho de Paul Pimsleur, de criar uma série de cursos que tornariam facilmente acessíveis as principais línguas do mundo aos seus concidadãos americanos, de uma forma que facilitaria a remoção daquela mancha negra “os feios americanos ”do léxico dos nossos vizinhos neste globo cada vez menor.

Na verdade, Paul Pimsleur realizou grande parte do seu sonho com a criação da sua *série Speak and Read Essential,* cursos em cassete para francês, espanhol, alemão, grego e um para a língua africana Twi. Esses cursos em fita cassete são provavelmente o tributo mais eficaz que poderia ser feito à memória desse grande professor de línguas, cuja voz ainda soa clara e vital enquanto fala através das fitas para fornecer instrução, informação e incentivo aos incontáveis números de pessoas cotidianas e americanos não tão comuns que se esforçam para expandir seus horizontes e desfrutar da cultura e da civilização de outros países.

Embora *Como Aprender uma Língua Estrangeira* seja uma publicação póstuma de Paul Pimsleur, seu sonho, conforme exemplificado na *série Speak and Read Essential,* permanece muito vivo e, acredito, continuará a fornecer ensino de idiomas eficaz nos próximos anos. A voz do professor mestre ainda ressoa e brilha na fita enquanto ele ensina a todos que vêm e ouvem.

Machine Translated by Google

Esta publicação, então, é para os estudantes de línguas de todo o mundo, em memória de Paul Pimsleur. Por muito tempo que sua voz seja ouvida!

Charles AS Heinle, presidente da
Heinle & Heinle Publishers, Inc.

Machine Translated by Google

Os “porquês” da aprendizagem de línguas

Há alguns anos, um médico proeminente, chefe do departamento de neurofisiologia de uma faculdade de medicina, puxou conversa comigo numa festa. Quando ele descobriu que eu era professor de idiomas, ficou ansioso para me contar sua experiência ruim com idiomas na escola. Seu tom de voz deixou claro que ele tinha uma lembrança negativa de longa data e queria tirá-la da cabeça.

“O francês foi destruído para mim”, disse ele, “pelo meu professor do ensino médio. . . que na verdade era professor de educação física substituindo em francês.” Ele explicou que a professora tinha um sotaque muito ruim. Ele descobriu isso quando seus pais o ajudaram com o dever de casa um dia.
Eles o ensinaram a pronunciar certas palavras que seu professor havia pronunciado incorretamente. A partir de então, ele foi obrigado a pronunciá-los incorretamente deliberadamente em sala de aula, para não ofender o professor.

O médico foi para a Universidade Cornell. Lá ele aprendeu russo, dominando-o bem o suficiente para fazer cursos avançados onde só se falava russo. Mas mesmo o seu sucesso com o russo não foi suficiente para compensar a sua crença de que era fraco em francês – incapaz de aprender uma língua que sabia ser mais fácil do que o russo.

Esse tipo de incidente não é uma raridade. Especialmente em bairros abastados onde as famílias vão para o estrangeiro, muitas crianças pronunciam a língua estrangeira melhor do que os seus professores e enfrentam dificuldades nas aulas quando podem estar a desfrutar de um sentido especial de domínio.

Este livro é sobre línguas estrangeiras e como aprendê-las. No entanto, tal como no caso do médico ofendido, tantas pessoas chegam a este assunto traumatizadas por más experiências na escola que alguns equívocos comuns devem ser eliminados antes de podermos sequer abordar o que para muitas pessoas é um tema “carregado”.

As estatísticas a seguir indicam a extensão dos danos causados nas aulas de idiomas do ensino médio. De todos os alunos que estudam um idioma no ensino médio, metade o abandona após apenas um ano.
Ao final de dois anos, nove em cada dez abandonaram totalmente o estudo do idioma. Uma percentagem muito pequena de estudantes do ensino secundário nos EUA aprende realmente uma língua estrangeira suficientemente bem para a ler confortavelmente ou para a falar com alguma fluência. A maior parte dos restantes sai convencida de que não consegue aprender uma língua estrangeira.

Pessoas em muitas partes do mundo falam vários idiomas normalmente. Em
África, há lugares onde praticamente toda a gente fala quatro ou cinco línguas diariamente.

Machine Translated by Google

O modo como uma pessoa se sai com os idiomas no ensino fundamental ou no ensino médio praticamente não fornece nenhuma indicação de como ele se sairia ao tentar aprendê-los quando adulto. Mas é preciso superar fortes dúvidas em muitos casos. Como se faz isso? E como dominar uma língua? Por que alguém iria querer aprender um idioma? Quanto deve demorar? Como alguém deveria fazer isso? Estas são as principais questões às quais este livro se dir

Machine Translated by Google

1. Todos podem aprender outro idioma

Inteligência

De acordo com estudos fiáveis, apenas cerca de 16 por cento do que é necessário para aprender uma língua estrangeira é atribuível à inteligência – pelo menos conforme definida pelos testes de QI. Os testes de QI são em grande parte compostos de vocabulário em inglês e questões de raciocínio matemático, apresentadas de várias formas. Talvez isto explique por que o QI se correlaciona melhor com o sucesso na escola do que com o sucesso na vida. Ter um bom desempenho em idiomas, assim como nos negócios, na política ou no amor, exige mais do que o tipo de inteligência que o torna bem-sucedido na escola. Exige qualidades como persuasão, sensibilidade, alegria e perseverança, que os testes de QI não tentam medir.

Habilidade

Musical Estudo após estudo mostrou que, ao contrário da crença popular, a habilidade musical representa apenas cerca de 10% do que é necessário para aprender um idioma. Embora todos possamos pensar em pessoas que conhecemos que tocam piano de forma brilhante e também aprendem línguas estrangeiras com facilidade, alguns momentos de reflexão provavelmente nos lembrarão de quase outros exemplos opostos – pessoas que são gênios musicais, mas não conhecem línguas estrangeiras. A relação entre os dois é tênue demais para prever com qualquer certeza que uma pessoa musicalmente apta terá melhor desempenho no aprendizado de um idioma do que alguém com mau ouvido para música.

O talento linguístico e você

Uma das principais razões pelas quais as pessoas se desesperam em estudar um idioma é que isso “faz com que se sintam estúpidos”. Para o mundo, somos um adulto competente, mas para um professor de línguas podemos parecer um bebê balbuciante, forçado a gaguejar até as ideias mais simples. Pelo menos é assim que um grande número de estudantes adultos relata ter se sentido.

Ao contrário do quotidiano, onde normalmente conseguimos evitar situações que nos constrangem, na sala de aula ficamos impotentes perante um professor que pode, através de uma pergunta inoportuna, expor a nossa ignorância. Um sotaque ridículo ou um erro flagrante de gramática podem nos identificar como incompetentes.

Quando não conseguem reconhecer isto, os professores podem abusar do seu poder. A sala de aula, como qualquer pessoa que já ensinou poderá verificar, é um jogo carregado. O professor é mais do que apenas um dos jogadores: ele estabelece as regras e também atua como único árbitro. Por exemplo, está ao seu alcance humilhar um aluno por esquecer palavras do vocabulário, quando na verdade ele próprio pode ser o culpado por não fornecer prática suficiente. Muito facilmente, quando o professor se torna irracional em suas exigências, o aluno se sente incompetente. Ele decide que a culpa é de sua própria habilidade e desiste.

Machine Translated by Google

Mesmo assim, poderá dizer, deve haver algumas pessoas com tão pouco talento para línguas estrangeiras que seria aconselhável não perderem tempo tentando aprender uma. Talvez seja assim, mas eu, pelo menos, não acredito nisso e, de qualquer forma, é extremamente difícil dizer individualmente casos.

Um jovem numa aula de francês que eu lecionava na UCLA estava tendo um desempenho ruim e corria o risco de ser reprovado no curso. Mandei-o para um bom tutor, com cuja ajuda ele conseguiu sobreviver. Acho que, se tivesse refletido, o teria considerado um exemplo de alguém sem talento para línguas.

Acontece que encontrei o jovem novamente cerca de um ano depois, numa rua de Atenas. Ele morava lá há dois meses com uma família grega e já havia aprendido grego o suficiente para manter um emprego. Quando nos sentamos para conversar em um café na calçada, ele teve a satisfação de pedir para nós dois, em grego fluente. Ele havia aprendido grego, mas não francês. O talento estava nele, embora ele próprio pudesse não ter acreditado.

Já vi outros casos incorrigíveis, como o do sargento do Exército que foi mandado de volta à escola aos cinquenta anos para aprender cambojano. Ele se saiu mal e logo decidiu se aposentar do Exército em vez de permanecer na escola de idiomas. Isso foi muito ruim. O sargento, como muitas pessoas supostamente “sem talento linguístico”, era provavelmente tão capaz quanto a maioria de aprender um idioma se as circunstâncias fossem adequadas. Se ele tivesse caído de pára-quedas numa aldeia cambojana, poderia ter aprendido a língua muito rapidamente.

O desânimo, a frustração e a fadiga produzem um tremendo impulso para desistir antes que se chegue longe o suficiente para que a competência traga sua própria recompensa. A melhor defesa contra isso é saber antes de começar exatamente o que você deseja realizar e por quê.

Por que aprender uma língua estrangeira?

É necessário um esforço considerável para aprender uma língua estrangeira, demasiado para pessoas que vagamente esperam conseguir um emprego melhor utilizando esse conhecimento. O inglês tornou-se a língua mundial dos negócios e, em empresas onde conhecer uma língua estrangeira é um requisito de trabalho, a maioria acha mais simples contratar um estrangeiro do que treinar um funcionário americano.

Muitas pessoas querem aprender uma língua estrangeira por razões que não são menos reais por serem “impraticáveis”. Tais razões são muitas vezes profundamente pessoais.

Quando eu tinha vinte e poucos anos, aprendi russo. Eu disse aos meus amigos que era porque o russo estava se tornando uma língua mundial importante. Contudo, a minha verdadeira razão, que reconheci mais tarde, era que esperava encontrar, na língua dos meus avós eslavos, uma pista para o meu pessimismo ocasional.

Da mesma forma, os cursos de grego, de japonês e de línguas africanas são frequentados por muitas pessoas que procuram uma consciência mais profunda de si mesmas e esperam encontrá-la na língua dos seus antepassados.

Algumas pessoas estão interessadas em aprender uma língua estrangeira simplesmente porque não podem considerar-se educadas sem ela. Tal pessoa poderia explicar essa motivação dizendo: “Faz-me sentir uma pessoa completa, um cidadão do mundo”.

Machine Translated by Google

Acho que a melhor resposta para “Por que aprender uma língua estrangeira?” é que pode tornar a vida de alguém mais rica. Não só depois de saber disso, mas mesmo durante o aprendizado. O facto de as línguas levarem tempo a aprender torna-se uma vantagem em vez de uma desvantagem quando se considera como um compromisso tão longo dá foco e continuidade a um período da vida de uma pessoa. Vista como uma decisão de preencher um período de tempo com atividades estimulantes e objetivas, a tarefa de aprender uma língua estrangeira pode ser uma viagem deliciosa, cheia de novas expressões e ideias. Fica feliz em ir devagar e saborear a viagem, especialmente quando não há juízes para satisfazer além de nós mesmos.

Machine Translated by Google

2. Quando é fácil aprender um idioma?

Ao contrário do que a maioria das pessoas acredita, a pronúncia não é a característica mais difícil de dominar em um idioma. Nem a gramática.

Um idioma – qualquer idioma – tem três componentes distintos: *pronúncia, gramática* e *vocabulário.* Uma análise mais detalhada desses componentes revelará que o terceiro é o mais difícil de dominar.

Pronúncia

Os seres humanos são limitados nos sons da fala que podem produzir. Por um lado, todos nós temos o mesmo aparelho vocal – língua, lábios, cordas vocais e assim por diante – que usamos de maneira aproximadamente semelhante.

Então, também, os sons devem permanecer distintos uns dos outros; se houvesse muitos, os ouvintes poderiam ter dificuldade em distingui-los. Os linguistas dizem-nos que nenhuma língua conhecida é composta de menos sons do que o havaiano, que tem quinze, ou mais do que certas línguas do Cáucaso, que têm até sessenta. A maioria das línguas fica em algum lugar entre esses dois extremos; O inglês e o francês, por exemplo, têm trinta e um sons.

Felizmente para o aluno, na maioria das línguas, menos de meia dúzia de sons são difíceis de imitar. E nas primeiras semanas de estudo, esse número normalmente diminui para um ou dois.

Deve-se sempre se esforçar para conseguir um sotaque nativo; isso faz parte da ambição de aprender bem o idioma. Mas devemos admitir que uma pessoa pode prosperar num país estrangeiro, conversar livremente e até mesmo conduzir negócios, embora o seu sotaque esteja longe de ser perfeito.

Relativamente falando, a pronúncia representa um desafio de aprendizagem menor do que a gramática ou o vocabulário.

Gramática

Pessoas que aprenderam várias línguas estrangeiras relatam que aprender gramática fica mais fácil depois de dominar as duas primeiras línguas. Através do conhecimento de três línguas, eles descobrem que existem princípios unificadores simples subjacentes à aparente complexidade da gramática.

As línguas existem para que os seres humanos possam comunicar experiências. Dado que todos os seres humanos partilham uma fisiologia comum e necessidades básicas comuns, não é de admirar que todas as línguas tenham certas características em comum. O inglês transmite a ideia de entrar *numa sala* por meio dessas três palavras, naquela ordem fixa; O finlandês transmite a mesma ideia por meio de um sufixo, como se

Machine Translated by Google

alguém deveria dizer “roominto”. A questão é que ambas as linguagens têm uma maneira de transmitir a ideia de “dentro”.

Da mesma forma, todas as línguas possuem dispositivos para transmitir se uma ação está em andamento *(ela está dançando)* ou terminou *(ela dançou);* por relacionar pessoas e coisas entre si *(a esposa de Jack; nosso carro);* por substituir um substantivo *(a mulher)* por um pronome *(ela).*

Os antropólogos que trabalham nos cantos mais remotos do mundo ficaram surpreendidos ao descobrir que todas as pessoas, por mais “primitivas” que possam parecer do nosso ponto de vista, possuem uma língua cuja gramática é sistemática, internamente consistente e bem adaptada às suas necessidades de vida. Não existe gramática primitiva.

Um aprendiz de língua experiente é aquele que sabe aproximadamente o que esperar quando confronta a gramática de uma nova língua. Ele sabe que encontrará surpresas boas e ruins. Se ele decidir estudar finlandês, por exemplo, ficará encantado ao descobrir que o país tem um sistema numérico muito simples. (Certa vez, um amigo meu aprendeu os números finlandeses de zero ao infinito durante um vôo de duas horas para Helsinque.) Ele ficará consternado ao descobrir que o número tem uma formidável variedade de terminações de palavras. Mas tendo aprendido outras línguas, ele estará psicologicamente preparado para gostar de aprender os números e para lutar com as terminações das palavras. Ele já viu esse tipo de coisa antes e sabe que pode ser dominado.

Ao aprender gramática, ficamos animados em momentos de desânimo por sabermos que a tarefa é limitada. Se você pegar qualquer livro didático de idioma e somar o espaço ocupado pelas regras gramaticais (distintas de exercícios, leituras e outros conteúdos), você o achará surpreendentemente compacto. A gramática básica de uma língua geralmente pode ser explicada, com exemplos abundantes, em menos de cem páginas.

Isto não quer dizer que a maneira de aprender gramática seja memorizando essas cem páginas. Algumas pessoas engolem a gramática inteira dessa maneira, mas para a maioria de nós existem métodos mais palatáveis. Seja qual for o método, porém, é provável que encontremos alguns obstáculos ao longo do caminho. O conhecimento de que existe apenas um limite de gramática, e nada mais, pode ajudar a reacender a coragem de uma pessoa quando um ponto difícil da gramática faz com que o idioma pareça impossível de dominar.

Vocabulário

Palavras, palavras, palavras. São necessários cerca de mil e quinhentos deles para um domínio “básico” de uma língua e talvez cinco mil para serem realmente fluentes. Este é um desafio para a capacidade de aprendizagem de qualquer pessoa, por mais dotado que seja. Porém, se uma pessoa consegue reconhecer algumas palavras estrangeiras da sua própria língua, ou de uma terceira língua que conhece, a tarefa será obviamente muito mais simples.

Como regra geral, línguas intimamente relacionadas com a nossa são mais fáceis de aprender, pois podemos encontrar semelhanças úteis na pronúncia, é provável que as encontremos na gramática e é praticamente certo que as encontraremos no vocabulário.

Como falantes nativos de inglês, os americanos estão numa posição favorável para aprender línguas estrangeiras, pois o inglês está relacionado com *duas* importantes famílias linguísticas. Temos uma vantagem inicial, quer estejamos aprendendo uma língua *românica* (francês, espanhol, italiano, português,

Machine Translated by Google

romeno e catalão) ou uma língua *teutônica* (alemão, holandês, flamengo, africâner, norueguês, dinamarquês, sueco e islandês).

O inglês é uma língua teutônica. Os primeiros colonizadores da Inglaterra eram de língua alemã tribos cujo dialeto gradualmente se desenvolveu em uma língua separada. As afinidades entre Alemão e inglês ainda são bastante evidentes hoje.

O francês e o inglês, por outro lado, nunca foram uma só língua. Os normandos conquistou a Inglaterra em 1066 e a ocupou por cerca de duzentos anos, durante os quais época, as classes altas falavam apenas francês, enquanto as classes baixas continuavam falando Inglês. Nos anos que se seguiram à conquista normanda, cerca de dez mil palavras francesas entrou no idioma inglês. Cerca de 75% deles ainda são de uso comum.

Um americano pode reconhecer facilmente muitas palavras francesas – e, portanto, aprendê-las facilmente. Vale a pena demonstrar esse ponto, por isso listei na página seguinte cinquenta palavras retirado aleatoriamente de um dicionário francês. Fazendo uma coluna de cada vez, tente adivinhar significado. Alguns são completamente óbvios, outros nem tanto. Escreva o que você pensa de cada um meio, então compare suas respostas com as dadas na página 101, dando a si mesmo crédito se você estiver aproximadamente correto. Quando você tiver feito todas as cinco colunas, calcule sua pontuação total. (Se você sabe francês, talvez queira pedir a alguém para experimentar isto Quem não.)

O americano médio que não sabe francês pode adivinhar de quinze a dezessete desses palavras corretamente - cerca de 30 por cento. Qualquer pessoa que já tenha estudado francês, mesmo há muito tempo, provavelmente pode reconhecer 40 ou até 50 por cento.

1	2	3	4	5
irmão	curso	felicidade	existência	o dia seguinte
jardim	plano	jardim	detalhe	vai
sentimento	papel	valor	raiva	andar
cena	infortúnio	hábito	salão	senhora
situação	inveja	cantou	Diário	multidão
ÁRVORE	lugar	cor	flor	garoto
impressão	rei	assunto	boca	gesto
rasgar	franco	título	relatório	Empresa
gosto	campeão	Cuidado	foi	sala
lei	importância	erro	banda	alegria
Pontuação____	Pontuação____	Pontuação____	Pontuação____	Pontuação____

Pontuação total_____

Machine Translated by Google

Aproximadamente a mesma demonstração poderia ser feita para espanhol, italiano ou alemão. A questão é que um americano que aprende qualquer uma dessas línguas já “sabe” cada terço ou quarta palavra, o que reduz consideravelmente a tarefa de aprender vocabulário.

Significativamente, esta vantagem aumenta com o tempo. Primeiro é preciso aprender o pouco palavras que unem a linguagem (eu, você; é, sou; antes, depois); via de regra, estes não assemelham-se ao inglês. Mais tarde, porém, concentramo-nos nas palavras de “conteúdo” – principalmente substantivos, verbos e adjetivos - e tem o prazer de reconhecer muitos deles facilmente.

Quais são as linguagens “fáceis” e “difíceis”?

Nenhuma escola na América tem mais experiência no ensino de línguas estrangeiras para adultos do que a Instituto de Serviço Exterior do Departamento de Estado dos EUA. Localizado em Arlington, Virgínia, o FSI tem treinado diplomatas e outros funcionários do governo para servir no exterior há mais de vinte e cinco anos.

Veja como o FSI avalia os idiomas que ensina, com base na dificuldade os alunos tiveram ao longo dos anos para dominá-los. O Grupo 1 é o “mais fácil”, o Grupo 4 o “mais difícil.”

Grupo 1	*Grupo 2*	*Grupo 3*	*Grupo 4*
Francês	búlgaro	amárico	árabe
Alemão	birmanês	Cambojano	chinês
indonésio	grego	Tcheco	japonês
italiano	Não	finlandês	coreano
Português	persa	hebraico	
romena	urdu	húngaro	
Espanhol		tb	
suaíli		polonês	
		russo	
		servo-croata	
		tailandês	
		turco	
		vietnamita	

Como esperado, os idiomas mais próximos do inglês estão todos na lista “fácil”. De alguma forma surpreendentemente, porém, duas outras línguas também estão nessa lista: indonésio (malaio) e Suaíli. Embora não tenham relação com o inglês, eles provaram ser bastante fáceis de aprender para os americanos, e qualquer leitor que esteja pensando em viajar para uma área onde uma dessas coisas é falada não deveria hesite em estudar o idioma antes de partir. É provável que ele não ache isso mais difícil do que,

Machine Translated by Google

digamos, um idioma que ele aprendeu no ensino médio, e saber um pouco dele fará uma enorme diferença em sua viagem.

Machine Translated by Google

3. Quanto tempo leva para aprender um idioma?

Algumas pessoas ficariam muito felizes se pudessem dizer pelo menos algumas frases em uma língua estrangeira com um sotaque aceitável. Outros desejam principalmente ler grandes obras de literatura. Outros ainda podem aspirar a falar e escrever outra língua tão fluentemente como a sua língua materna.

Antes de as viagens ao exterior se tornarem comuns, as línguas estrangeiras eram associadas neste país a pessoas instruídas e imigrantes. Os primeiros muitas vezes estavam interessados apenas em ler e escrever uma determinada língua, enquanto os últimos podiam falar a sua língua nativa, mas tinham poucas oportunidades de lê-la ou escrevê-la depois de virem para a América. Algumas pessoas instruídas assemelhavam-se aos cavalheiros britânicos da classe alta do século XIX, que normalmente "sabia" francês, mas não estavam dispostos a imitar os sons "peculiares" que um francês emite quando fala.

No mundo de hoje, muitas pessoas que estudam uma língua estrangeira desejam principalmente falá-la. É importante, portanto, estimar quão bem uma pessoa pode esperar falar uma língua depois de estudá-la durante um certo número de horas – e, inversamente, quantas horas ela pode levar para alcançar a fluência que tem em mente. Seguir-se-ão várias estimativas sobre quanto tempo leva para alcançar vários tipos de domínio, com base em dados do FSI e na minha própria pesquisa.

A Escala de Classificação

FSI Muitas agências governamentais dos EUA usam as Avaliações Absolutas de Proficiência Linguística da FSI para medir a capacidade de um possível funcionário de usar uma língua estrangeira em seu trabalho. Uma vez contratado, ele passa periodicamente pelo mesmo tipo de classificação como base para promoção.

A pessoa a ser avaliada é entrevistada por um ou mais testadores treinados, que são sempre falantes nativos. Eles conversam com ele por dez a vinte minutos, testando seu domínio de pronúncia, gramática e vocabulário. Em seguida, eles reúnem seus julgamentos para atribuir-lhe uma classificação. A classificação mais baixa é 1, a mais alta 5, e qualquer classificação pode ser modificada por um sinal de mais ou menos.

Cada classificação designa um grau específico de domínio do idioma para fins comerciais e sociais:

1. *Proficiência elementar.* A pessoa é capaz de satisfazer as necessidades rotineiras de viagem e os requisitos mínimos de cortesia.
2. *Proficiência de trabalho limitada.* A pessoa é capaz de satisfazer as demandas sociais rotineiras e as exigências limitadas de trabalho.
3. *Competência profissional mínima.* A pessoa pode falar a língua com precisão estrutural e vocabulário suficiente para participar efetivamente na maioria das conversas formais e informais sobre tópicos práticos, sociais e profissionais.

Machine Translated by Google

4. *Plena proficiência profissional.* A pessoa usa a língua com fluência e precisão em todos os níveis normalmente pertinentes às necessidades profissionais.

5. *Proficiência nativa ou bilíngue.* A pessoa tem proficiência oral equivalente à de um nativo instruído palestrante.

Quanto tempo, pergunta-se, uma pessoa leva para atingir o mínimo 1, e como muito mais tempo depois disso para chegar a 2 ou 3?

Os pesquisadores do FSI estudaram o desempenho de todos os seus alunos durante um período de três anos, observando as classificações que receberam após vários períodos de treinamento. A Tabela 1 mostra os resultados para as línguas “fáceis” e para as línguas “difíceis”.

Na realidade, estas estimativas de tempo são um pouco inferiores ao que parecem à primeira vista; feriados e outros tempos perdidos os reduzem em cerca de 10%. No entanto, o significado é claro. Se você for um aprendiz de idioma com habilidade média e você aprender um idioma “fácil”, será provavelmente levará cerca de 220 horas para chegar ao primeiro nível de domínio da fala, e dobre isso para chegar ao nível 2. Se você for mais lento que a média no aprendizado de idiomas, permita 50% mais tempo; se mais rápido, 50% menos.

Tabela 1. Taxas de aprendizagem para idiomas “fáceis” e “difíceis”

Idiomas “fáceis”		Linguagens “difíceis”	
Avaliações de alunos do FSI que falam um idioma do Grupo 1 após períodos específicos de treinamento.		Avaliações de alunos do FSI que falam o idioma do Grupo 2-4 depois períodos específicos de treinamento.	
Período de treinamento	*Classificação de proficiência*	*Período de treinamento*	*Classificação de proficiência*
8 semanas (240 horas)	1/1+	12 semanas (360 horas)	1/1+
16 semanas (480 horas)	2	24 semanas (720 horas)	1+/2
24 semanas (720 horas)	2+	44 semanas (1320 horas)	2/2+/3

Esses números são baseados em um tipo específico de instrução: o curso intensivo FSI onde se estuda um idioma seis horas por dia, cinco dias por semana, em uma turma de no máximo mais de dez alunos, liderados por um linguista experiente e um instrutor nativo bem treinado. O escola é um paraíso para o aprendizado de idiomas, os alunos são altamente motivados e ótimos resultados são alcançados. No entanto, estas estimativas são razoavelmente válidas para pessoas que, como a maioria dos nós, não temos escolha a não ser frequentar um curso convencional que dura quarenta e cinco minutos por dia ou algumas noites por semana.

A atenção humana é limitada. Ninguém consegue absorver conhecimento de forma constante durante seis horas por dia, semana após semana; parte do tempo dos cursos intensivos é necessariamente “desperdiçado” em relaxamento, limpar a mente ou simplesmente sonhar acordado. Além disso, coisas que um dia parecem confusas às vezes são esclarecidos na próxima, depois de terem se estabelecido na mente. Esse O fator “incubação” favorece um cronograma de aprendizagem não intensivo. Em suma, não é certo que pessoas que difundem a sua aprendizagem de línguas por um período mais longo necessitam necessariamente de mais total de horas do que aqueles que se concentram. Eles podem até exigir menos.

Machine Translated by Google

A mensagem principal é que qualquer pessoa pode aprender uma língua estrangeira, mas algumas pessoas são mais rápidas nisso do que outras. Ainda assim, a aprendizagem de uma língua é um compromisso sério, e se o objectivo for falá-la confortavelmente (digamos, 2+ na escala FSI), é provável que isto exija o equivalente a seis meses de estudo a tempo inteiro.

No entanto, a fluência na fala não é o objetivo principal de todos. Um objetivo alternativo, talvez menos exigente, poderá corresponder às suas necessidades e desejos.

Metas Alternativas

Nem todos estão interessados nos tipos de objectivos definidos pelo FSI. Algumas pessoas querem falar uma língua suficientemente bem para se darem bem num país estrangeiro; outros podem querer principalmente lê-lo. Além disso, a instrução que uma pessoa comum provavelmente encontrará disponível provavelmente não será semelhante à do FSI. Outro conjunto de estimativas pode ser necessário para a pessoa média, dada a instrução média.

O NÍVEL DE FALA DE "CORTESIA E NECESSIDADE". Você pode querer falar o idioma apenas o suficiente para trocar gentilezas com as pessoas que conhece, pedir comida e bebida e procurar um médico, se precisar. Não subestime nem isso; é um grau de domínio que pode transformar uma pessoa de "americano feio" em alguém que está obviamente tentando encontrar um meio-termo com os outros. É certo que qualquer viagem que você fizer será mais gratificante.

Evidências de pessoas que usaram meus cursos de idiomas programados mostram que esse tipo de domínio pode ser alcançado em menos de sessenta horas, o que equivale a apenas uma hora por dia durante dois ou três meses – um excelente retorno para um esforço limitado.

LEITURA SOMENTE. Se você começar a aprender a ler uma língua estrangeira e abrir mão do esforço para falar ou escrever, então em 100 a 150 horas você será capaz de ler com facilidade o material relacionado ao seu ramo de trabalho. Isto equivale a seis horas por semana durante quatro a seis meses – mais uma vez, uma habilidade útil que se pode adquirir a um preço modesto no tempo. No entanto, você não deve esperar que sua habilidade de leitura o ajude se mais tarde decidir aprender a falar. Falar e ler são duas atividades muito diferentes e, embora a leitura desenvolva o vocabulário, na verdade pode prejudicar a pronúncia.

COMPETÊNCIA EQUILIBRADA. É perfeitamente possível, ao fazer um curso de língua estrangeira em uma divisão de "extensão" da faculdade ou no YMCA, tornar-se capaz de ler com facilidade, entender a essência do que você ouve e escrever uma carta comercial ou pessoal satisfatória. Ao ritmo de seis horas por semana – três de aula e três de dever de casa – uma pessoa de aptidão média pode adquirir um domínio razoável em dois anos. Ele não deve esperar, porém, ser completamente fluente ao falar, nem compreender tudo o que ouve.

MAESTRIA EDUCADA. Se o seu objetivo é dominar totalmente o idioma na fala e na escrita, então você poderá ter que dedicar pelo menos um ano e meio, a maior parte dele passado no país estrangeiro, para atingir esse objetivo. Um bom plano seria estudar o idioma por três a seis meses em casa e depois ir para o país estrangeiro por pelo menos um ano, período durante o qual você deverá falar apenas o idioma estrangeiro. Ao final desse período, você entenderia a maioria das pessoas e até mesmo a televisão e os filmes, leria quase qualquer material escrito sem um dicionário e talvez escreveria com um mínimo de estilo. Os adultos que vão viver para o estrangeiro descobrem que, depois de vários meses de adaptação à fala e à compreensão em

Machine Translated by Google

situações cotidianas, eles podem então começar a penetrar na língua e participar da vida do país.

Algumas pessoas ficam consternadas com estimativas de tempo que chegam a centenas de horas. Eles sentem que isso é mais tempo do que estão dispostos a dedicar. Devem reflectir sobre o facto de que daqui a um ano serão um ano mais velhos, quer realizem esta tarefa de aprendizagem ou não. A única questão é se, naquele dia, eles estarão bem avançados no domínio da língua que sonharam conhecer, ou se ainda será apenas um sonho.

Machine Translated by Google

4. Qual idioma você deve selecionar?

Quando perguntaram à atriz Ingrid Bergman, que falava cinco idiomas, qual ela preferia, ela respondeu: “Inglês para atuação, italiano para romance, francês para diplomacia, alemão para filosofia. . . e sueco para sigilo, porque poucas pessoas sabem disso.”

Qual idioma *você* deve aprender? Francês parece bonito. Mas o México está mais perto. Ou o italiano seria mais fácil?

Se você tem motivos muito fortes para aprender um idioma específico, você pode pular a discussão a seguir sobre os pontos difíceis e fáceis de vários idiomas, pois um forte desejo de aprender pode substituir todas as outras considerações. Qualquer idioma pode ser aprendido, desde que sua vontade de aprendê-lo seja forte o suficiente para mantê-lo ativo quando o tédio se instalar.

Se você ainda está lendo, aparentemente ainda não fez uma escolha. Muito provavelmente, você está procurando um idioma para estudar que seja útil e agradável para viagens e contatos sociais, e talvez também para negócios. A melhor maneira de ajudá-lo a escolher é descrever os idiomas mais populares para que você saiba o que esperar se decidir estudar um deles.

Francês

A parte difícil pode ser a pronúncia. O francês tem quatorze sons vocálicos, nenhum deles exatamente igual ao inglês, e um sistema de escrita inadequado, onde as palavras não têm necessariamente a aparência que soam.

O vocabulário, por outro lado, é mais fácil em francês do que em qualquer outra língua, devido à sobreposição com o inglês.

A gramática é um pouco mais difícil do que em espanhol, embora não tão difícil quanto em alemão ou russo.

A recompensa por aprender francês é grande: uma literatura rica para ler, infinitas possibilidades de o turista que conhece a língua e o prestígio social mundial.

Veredicto: se você é razoavelmente bom em contar piadas sobre dialetos e imitar sotaques estrangeiros, então a pronúncia francesa não deve ser um terror para você. Mas se você tem um ouvido fraco, ou se confunde facilmente com a ortografia, ou não tolera gramática “ilógica”, então talvez seja melhor escolher um idioma mais abaixo na lista.

Alemão

Com apenas alguns sons diferentes do inglês, o alemão é uma língua fácil de pronunciar. Também é fácil “dar-se bem” em alemão com base na maldita gramática, por

Machine Translated by Google

os alemães são gentis em tentar entender o que você diz, não importa o quanto você massacre a língua deles.

O vocabulário alemão parece difícil no início, mas torna-se mais fácil quando você atinge o patamar onde as raízes das palavras começam a reaparecer. Você logo será capaz de adivinhar corretamente o significado de palavras que nunca viu ou ouviu antes.

A gramática do alemão é mais difícil do que a das línguas românicas – embora menos do que a do russo – por isso não espere progredir do “pidgin” para o alemão propriamente dito sem um estudo sério.

Veredicto: se você não se importa em aprender gramática, desde que seja ordenada, então o alemão pode ser para você. O esforço de aprendê-lo é amplamente recompensado pelos países que você pode visitar (Suíça e Áustria, bem como Alemanha) e pelos muitos livros, peças de teatro e óperas que você pode apreciar quando os conhecer.

italiano

A “linguagem do amor” é apenas moderadamente difícil. Tem poucos sons problemáticos, um sistema ortográfico regular e gramática de dificuldade média. A recompensa é boa, embora apenas num país, a Itália, onde se pode desfrutar de arte, ópera, comida, sol e pessoas animadas.

Veredicto: se você se sente fortemente atraído pelo italiano, vá em frente e aprenda; é mais fácil para os americanos do que a maioria das outras línguas. Você pode ter mais dificuldade em encontrar um bom curso de italiano do que um de francês, espanhol ou alemão.

Espanhol

A pronúncia do espanhol é um pouco mais difícil que a do italiano ou do alemão, mas não tão difícil quanto a do francês. A ortografia é muito regular. O vocabulário é quase tão fácil de adivinhar quanto em francês. A gramática é facilitada pela regularidade dos verbos. A recompensa em valor comercial e cultural é considerável, uma vez que o espanhol é falado por tantas pessoas em tantos lugares.

Veredicto: se você deseja aprender um idioma que possa ser usado em vários países de ambos os hemisférios, escolha o espanhol porque é bastante fácil e há muitas maneiras de colocá-lo em uso enquanto você aprende.

russo

As pessoas muitas vezes têm medo do alfabeto russo (cirílico), que na prática é fácil de dominar. No entanto, outras características da língua – um ou dois sons difíceis, regras gramaticais elaboradas e vocabulário que não pode ser adivinhado – tornam o russo mais difícil para os americanos do que as línguas mencionadas até agora. Examine o seu motivo antes de começar: ele é forte o suficiente para mantê-lo durante um longo período de estudo? Lembre-se também de que você não pode esperar passar muito tempo como turista na União Soviética e que o russo não é amplamente falado em áreas onde os americanos possam residir.

Veredicto: Russo é difícil, mas gratificante, desde que você tenha um propósito convincente para aprendê-lo.

Machine Translated by Google

Outras línguas

Essas cinco línguas – francês, alemão, italiano, espanhol e russo – respondem por 95 por cento de todo o ensino de línguas estrangeiras nos Estados Unidos. . . o que apenas prova que a nossa visão do mundo é desequilibrada e muito desatualizada. Nós favorecemos alguns de prestígio línguas europeias, mas ignoram línguas como o japonês, o árabe e o hindi que são falados por dezenas ou mesmo centenas de milhões de pessoas que possuem heranças culturais que rivalizam com aquelas de qualquer país europeu.

Estima-se que existam cerca de três mil a cinco mil línguas no mundo. Os doze primeiros (ver Tabela 2 na página seguinte) compreendem 65 por cento da população mundial população. No entanto, existem mais de uma centena de outras línguas faladas por pelo menos um milhões de pessoas cada. O caminho da verdadeira aventura para você pode estar em estudar um idioma fora dos cinco comuns. Se você está aberto a um empreendimento que pode mudar sua vida, em seguida, escolha uma área do mundo que o fascine e comprometa-se a estudar sua política, sua economia, sua história, seu povo e pelo menos uma de suas línguas. Navegar entre os idiomas listados por região geográfica no apêndice deste livro intitulado "Línguas do Mundo". Veja quais são falados em uma parte do mundo que te atrai. Depois reflita sobre as oportunidades de negócios, as atividades de lazer, a aposentadoria possibilidades, ou mesmo a nova carreira que você pode encontrar ao se comprometer com um plano de estudos de "linguagem e área".

Tabela 2. As Doze Línguas Mais Faladas*

Linguagem	Nº de usuários (em milhões)*
1. Chinês mandarim	820
2. Inglês	450†
3. Russo	270
4. Espanhol	260
5. Não‡	165
6. Árabe	160
7. Português	132
8. Bengali	130
9. Alemão	120
10. Japonês	115
11. Indonésio-Malaio	85

Machine Translated by Google

* A partir de 1980. Todos os números têm de ser estimativas bastante aproximadas, uma vez que não existem fontes geralmente fiáveis para tais estatísticas. † Conrad e Fishman em *The Spread of English* (1977, p. 6) estimam 600 milhões; isso deve se estender a uma habilidade bastante rudimentar de usar a linguagem. (Em JA Fishman, RL Cooper, e AW Conrad, Rowley, Mass.: Newbury

House, 1977.) ‡ Tal como falado pelos aldeões comuns, o hindi e o urdu são quase indistinguíveis. Quanto mais formal o estilo, mais eles divergem, por causa da influência persa no urdu e da influência do sânscrito no hindi. Os sistemas de escrita dos dois são totalmente diferentes. O total combinado para Hindi-Urdu é de pelo menos 217 milhões.

Machine Translated by Google

5. Aprendendo os “truques do comércio”

A história de

Burton Sir Richard Burton – não o ator, mas o grande aventureiro britânico do século XIX que penetrou nas cidades sagradas proibidas do Islã, descobriu o Lago Tanganica, explorou a Amazônia e chocou a Inglaterra vitoriana com seus relatórios detalhados sobre práticas sexuais em terras distantes – que Richard Burton também foi um dos grandes linguistas de sua época. Distinguido tradutor de hindi, português, árabe *(As mil e uma noites)* e de vários outros idiomas, dizia-se que ele era capaz de se passar por nativo em vinte e nove línguas e de ter desenvolvido uma técnica para aprender um novo idioma em dois meses. ' tempo. Burton descreveu esta técnica em suas memórias:

> Adquiri gramática e vocabulário simples, marquei as formas e palavras que sabia serem absolutamente necessárias e aprendi-as de cor, carregando-as no bolso e examinando-as nos momentos livres do dia. Nunca trabalhei mais de um quarto de hora seguida, pois depois disso o cérebro perdia o frescor. Depois de aprender cerca de trezentas palavras, o que é fácil de fazer em uma semana, tropecei em algum livro de exercícios fácil (um dos Evangelhos é o mais acessível) e sublinhei cada palavra que desejava lembrar, a fim de ler meus desenhos a lápis em breve. pelo menos uma vez por dia. Depois de terminar meu volume, trabalhei cuidadosamente nas minúcias gramaticais e escolhi outro livro cujo assunto mais me interessasse. O pescoço da língua estava quebrado e o progresso foi rápido. Se eu encontrasse um som novo como o árabe *Ghayn,* eu treinava minha língua repetindo-o milhares de vezes por dia. Quando leio, invariavelmente leio em voz alta, para que o ouvido possa ajudar na memória. Fiquei encantado com os caracteres mais difíceis, chineses e cuneiformes, porque senti que eles impressionavam mais fortemente os olhos do que as eternas letras romanas. . . . Sempre que conversava com alguém numa língua que estava aprendendo, dava-me ao trabalho de repetir as palavras de forma inaudível depois delas, e assim aprender o truque da pronúncia e da ênfase.

A disposição de Burton em admitir seus tropeços e sua falta de atenção o aproxima de nós e nos faz querer separar o que é ilusório e o que é real na lenda de Burton.

Passando por nativo em vinte e nove idiomas

Não se deixe enganar por reputações. Talvez Burton *fosse* um mestre absoluto de todas as suas vinte e nove línguas. Mas as reputações são muitas vezes exageradas. Eu próprio tenho a reputação de conhecer um grande número de línguas, muito mais do que realmente conheço.

Certa vez, quando uma turma estava me importunando para dizer quantas línguas eu sabia, fui até uma estudante sueca de intercâmbio da turma e tive uma conversa com ela em sueco.

Eu: Você é sueco?

Ela: Sim, estou.

E: De que parte da Suécia você é?

Machine Translated by Google

Ela: Sou de Linköping.

EU: Não sei, onde está?

Ela: (resposta longa sobre a localização da cidade)

E: Há quanto tempo você está na América?

Ela: Desde. . . (resposta de duas frases)

Agradeço-lhe muito. Adeus.

Nossa conversa durou cerca de três minutos. Então perguntei-lhe em inglês se ela havia entendido prontamente meu sueco; ela disse que sim. Perguntei à turma se, na opinião deles, eu tinha o direito de afirmar que sabia sueco. Eles responderam calorosamente que certamente eu poderia acrescentar o sueco à minha lista de idiomas. . . e fiquei desapontado quando lhes disse que mal sabia sueco e que me consideraria fraudulento se afirmasse que sabia.

Minha parte na conversa consistiu apenas em algumas frases simples e algumas perguntas para manter a outra pessoa falando. Na verdade, minhas perguntas não tinham relação com as respostas dela, porque eu não a entendia. Eu estava preparado para fazer o mesmo conjunto de perguntas, independentemente do que ela dissesse.

A quantidade de sueco que usei naquela “conversa” pode ser ensinada a qualquer pessoa em uma hora.

O próprio Burton estava bem ciente da diferença entre dominar um idioma e simplesmente ser capaz de dizer “por favor” e “obrigado” nele. Ele nunca reivindicou para si nem mesmo uma pequena parte do que seus idólatras reivindicaram para ele.

Aprendendo um idioma em dois meses Circulam

histórias sobre pessoas, supostamente gênios em idiomas, que acumulam grande aprendizado em intervalos curtos. Presumo que meus leitores não tenham tempo para isso, mesmo que tenham vontade. Até mesmo Burton provavelmente gastou tantas horas quanto qualquer outra pessoa, concentrando-se apenas em um curto espaço de tempo.

Se uma pessoa passou quarenta horas por semana durante dois meses aprendendo um idioma, isso totaliza cerca de 350 horas – aproximadamente a mesma quantidade de tempo que o Foreign Service Institute estima que seja necessário para atingir “proficiência elementar”, e a mesma quantidade de tempo que uma faculdade o aluno passa em três semestres de estudo do idioma.

O que queremos obter da experiência de Burton não é o quão incrível ele foi, mas o que ele fez – que técnicas ele empregou que outras pessoas poderiam imitar com lucro.

“Nunca trabalhei mais de um quarto de hora por vez. . .”

Esta declaração de Burton é comovente.

Muitas pessoas ficam desanimadas com a falta de concentração. Freqüentemente ouvimos afirmações como: “Não consigo mais fixar minha mente em nada” ou “Não leio livros sérios

Machine Translated by Google

não mais; Eu simplesmente não posso.” Com toda a probabilidade, as pessoas que falam esperam demasiado de si mesmas e depois ficam desanimadas quando não conseguem corresponder às expectativas que auto-impuseram.

Como Burton, muitas pessoas trabalham melhor em períodos curtos e concentrados. Se sim, então é assim que eles deveriam estudar. Três surtos de vinte minutos cada podem somar mais de uma hora nos resultados alcançados. A pessoa que se senta para estudar por uma hora muitas vezes desperdiça boa parte dela apontando lápis, bebendo água e perdendo tempo.
O spurter tende a aproveitar ao máximo seu tempo limitado de estudo.

Existem momentos bons e ruins para estudar, e muitas vezes as pessoas não conseguem aproveitar os bons momentos. De manhã cedo: ao acordar quinze minutos mais cedo, você pode ler uma página de russo por dia. Na hora do almoço: você poderia praticar italiano por quinze minutos em vez de conversar com colegas de escritório. Antes do jantar: uma sessão com suas fichas de vocabulário pode ajudar a passar o tempo, e nenhuma regra proíbe aprender um idioma com um martini na mão; na verdade, pode diminuir suas inibições.

Conheci um homem que aproveitava o tempo de barbear para aprender chinês. Ele colocava alguns caracteres chineses em seu espelho todas as manhãs e olhava para eles enquanto se barbeava. Custou-lhe um ou dois centavos, mas em poucos meses ele aprendeu quinhentos caracteres chineses apenas enquanto se barbeava.

Machine Translated by Google

6. Aprendizagem Orgânica

Quando você estuda um idioma no ensino médio ou na faculdade, provavelmente aprende listas de "conjugação" parecidas com estas:

eu dou

você dá

ele, ela, dá nós

damos

você dá

eles dão

Você pode não estar na escola agora, e não há razão para não aprender as coisas na ordem que mais lhe agrada, e não na ordem em que os gramáticos as colocam. Se você deixar a "necessidade de saber" ser seu guia, estudar manterá seu frescor por mais tempo.

Você pode aprender o verbo "dar", por exemplo, aprendendo primeiro a frase simples "dê-me. . ." Você praticaria dizendo coisas como "Dê-me um uísque", "Dê-me seu número de telefone" e assim por diante. Em breve este formulário de comando se tornará automático. A essa altura, você pode ter começado a se perguntar como dizer: *"Não* me dê. . ." ("Não me dê vinho tinto, dê-me vinho branco"). Então é hora de aprender comandos negativos.

Mais tarde ainda, você se perguntará como dizer: "Dê *a ela . . . ",* referindo-se a outra pessoa. E ainda mais tarde você vai querer dizer: "Você *não* me deu. . . ", um negativo no pretérito.

Enquanto isso, você trabalhará em outras frentes, aprendendo vocabulário, melhorando sua pronúncia, praticando outros recursos gramaticais. Seu progresso ocorrerá de *forma natural – organicamente.*

Em qualquer organismo em crescimento, as partes desenvolvem-se em íntima inter-relação entre si. Frank Lloyd Wright escreveu em sua *Autobiografia:* "A co-relação perfeita é o primeiro princípio do crescimento. Integração, ou mesmo a própria palavra 'orgânico', significa que nada tem valor exceto quando está naturalmente relacionado com o todo na direção de algum propósito vivo."

O método de ensino comum que obriga os alunos a aprender uma conjugação verbal completa de cada vez, mesmo que eles não tenham o vocabulário e a gramática para colocar esse verbo em prática, é uma monstruosidade - como se uma árvore recém-plantada de repente brotasse uma enorme árvore. folha em vez de galhos e galhos.

Além disso, é uma receita perfeita para o tédio. Não vendo nenhum uso imediato que possa ser dado ao seu conhecimento arduamente conquistado, o aluno deve estar excepcionalmente motivado para resistir.

Machine Translated by Google

o desejo de desistir. Na verdade, as estatísticas mostram que a esmagadora maioria dos estudantes de línguas desiste o mais cedo possível.

Agora que você está encarregado de seu próprio aprendizado, o duende da completude por si só não precisa dominar seu trabalho. Quer você aprenda um idioma sozinho ou prefira a regularidade e disciplina de um curso, você é livre para escolher. Se certas palavras do vocabulário ou certos pontos gramaticais não significam nada para você agora, você pode deixá-los ir, sabendo que poderá aprendê-los mais tarde.

Deixe que o "propósito vivo" pelo qual você empreendeu o idioma seja o seu guia para aprendê-lo.

Você também pode escolher entre os professores. Um bom professor manterá seu interesse por mais tempo, ajudando você a resistir quando o aprendizado se tornar difícil. Pesquise até encontrar um. Talvez você precise experimentar vários professores antes de encontrar aquele especialmente talentoso que procura, mas o esforço valerá a pena.

Como reconhecer um bom professor

Quero comparar o primeiro dia de aula de duas aulas de idiomas diferentes que frequentei em uma grande universidade.

O professor A entrou em sua aula de japonês no primeiro dia, cumprimentou seus alunos e começou a descrever os sons do japonês. Ele os comparou com os sons do inglês, usando uma série de termos técnicos como "sem voz" e "semivogal", que a maioria de seus alunos não entendia. Mas ele seguiu em frente. O japonês, explicou ele, é uma língua "cronometrada por sílabas"; a sílaba típica é CV (consoante + vogal); há um total de 105 sílabas possíveis. Sua palestra preparada ocupou todo o horário de aula.

No primeiro dia de aula de suaíli do professor B, ele cumprimentou seus alunos em inglês e depois conduziu a aula inteira em suaíli. Ele os ensinou a ficar de pé quando ele dissesse "ficar de pé" em suaíli e a sentar-se quando ele dissesse "sentar". Depois, simulando a chegada de um visitante a um lar africano, ele ensinou a turma a manter esta conversa:

Visitante: (bate) Alguém em casa?

Anfitrião: Quem está aí?

Visitante: Isso é . . . (nome).

Anfitrião: Entre, entre.

Visitante: (entra) Olá, tudo bem?

Anfitrião: Tudo bem, obrigado. E você?

Visitante: Muito bem, obrigado.

Anfitrião: Por favor, sente-se.

Visitante: Obrigado. (senta-se)

Quando a aula do Professor A terminou, seus alunos estavam apreensivos. Eles não tinham

Machine Translated by Google

compreenderam todos os termos fonéticos e sentiram que não conseguiriam dominar 105 sílabas. A única palavra útil em japonês que ouviram durante aquela hora foi a saudação do professor quando ele entrou.

Os alunos suaíli do professor B também ficaram um pouco apreensivos. Eles encontraram dificuldades de pronúncia e tinham certeza de que não conseguiam se lembrar de tudo o que aprenderam. Mas eles também estavam entusiasmados. Eles falavam suaíli, aprendiam cumprimentos úteis e se divertiam bem com a confusão um do outro. Um *espírito de corpo* foi estabelecido e, embora estivesse claro que aprender suaíli seria um desafio, eles certamente estavam ansiosos por mais.

Acredito que seja justo perguntar, ao final de uma aula de idioma, seja ela a primeira ou a quinquagésima: "O que aprendi hoje que me ajudaria se eu partisse imediatamente para o país estrangeiro?" Se a turma A e a turma B tivessem voado para seus respectivos países logo após a primeira aula, os alunos suaílis teriam desembarcado com algumas palavras de saudação nos lábios, enquanto os alunos japoneses não saberiam mais japonês do que se a aula nunca tivesse acontecido. aconteceu.

Há mais professores A do que professores B, e nem sempre é fácil diferenciá-los, por isso gostaria de listar algumas especificidades do comportamento do professor que podem ajudá-lo a reconhecer um bom professor.

FALA DO PROFESSOR VERSUS FALA DO ALUNO. Sabendo que é preciso muita prática para aprender uma língua estrangeira, um bom professor de línguas mantém o relógio sempre em mente. Restringindo sua própria tendência de expor, ele se disciplina para falar muito pouco enquanto faz com que seus alunos falem muito. Uma maneira de julgar um professor é calcular a proporção entre a fala do professor e a fala do aluno. Com um bom professor, será fortemente a favor da conversa dos alunos.

INGLÊS VERSUS LÍNGUA ESTRANGEIRA. Quanto tempo a turma passa usando o inglês quando poderia usar a língua estrangeira? Um bom professor ensina sua turma, no início do curso, a compreender todas as peças repetitivas do trabalho em sala de aula: "abra seus livros", "vá para o quadro", "ouça com atenção", "repita comigo", "diga uma vez". mais." Tudo isso e muito mais pode ser feito na língua estrangeira logo após o início do curso. Como regra geral, não devem ser gastos mais do que cinco minutos de aula falando inglês – apenas o suficiente para transmitir um ponto gramatical difícil ou dar uma tarefa importante. O restante pode e deve ser gasto na língua estrangeira.

MANTENDO AS EXPLICAÇÕES GRAMÁTICAS CURTAS. A gramática é melhor aprendida usando-a, não falando sobre ela. Um professor deve direcionar seus esforços, não na preparação de explicações elaboradas, mas na elaboração de exercícios inteligentes que levem os alunos a usar a gramática quase sem perceber. A experiência mostra que não há um único ponto de gramática num curso elementar que não possa ser explicado em quatro minutos ou menos. Se um professor se prolongar mais que isso, ele está roubando tempo da real necessidade da aula: praticar, praticar, praticar.

EVITANDO DISCUSSÕES PRIVADAS. Um bom professor não mantém longas discussões com alunos individuais durante a aula. Se for solicitada uma explicação que não seja apropriada para toda a turma ouvir, o professor deve oferecer-se para discuti-la depois da aula ou pedir ao aluno que guarde a sua pergunta até um momento posterior, quando o ponto ficará claro. Um

Machine Translated by Google

professor eficiente mantém o relógio em mente e retoma a aula sem demora. Não há discussões privadas durante o horário de aula, por favor.

FAZENDO UMA PERGUNTA. A técnica de perguntas e respostas é absolutamente básica para o ensino de línguas, mas um professor mal treinado pode maltratá-la. Ele pode permitir que um ou dois alunos “agressivos” monopolizem as perguntas. Ou pode “telegrafar” suas perguntas indicando antecipadamente qual aluno será chamado; os outros então “desligam”. Um bom professor dirige todas as perguntas a toda a turma e não chama ninguém até que todos tenham tido um momento para pensar numa resposta. Então, se o primeiro aluno chamado não tiver a resposta pronta, o professor passa rapidamente para outro aluno. Movendo-se rapidamente de aluno para aluno, ele dá a todos uma chance justa, aumenta o estado de alerta da turma e proporciona mais prática para cada aluno. Essa técnica também tende a suprimir “castores ansiosos”.

Os professores são profissionais remunerados. Eles deveriam ser julgados, pelo menos em parte, do modo da contabilidade de custos: pela produção por unidade de tempo. Um aluno tem o direito de perguntar se as horas que passa nas aulas de línguas lhe estão a proporcionar um retorno justo em competências linguísticas utilizáveis.

Machine Translated by Google

7. As Palavras e a Música

Cada língua tem sua própria música, sua ascensão e queda, sua suavidade ou instabilidade. Podemos ouvi-los sozinhos, com todo o significado desligado, como ouvir um burburinho de vozes em uma sala lotada, percebendo apenas a melodia, não as palavras.

O primeiro contato do nosso filho de três anos com o alemão ocorreu quando o levamos para a Áustria e ele começou a brincar com as crianças da vizinhança. Ele não disse nada a princípio, apenas ouviu.
Então ele gradualmente desenvolveu sua própria linguagem sem sentido. As “palavras” eram um balbucio sem sentido, mas continham sons alemães como *ch* e *ü* e o *r gutural,* e tinham a mesma entonação cantada das crianças locais.
Suas conversas com eles eram hilárias. Conversaram com ele em alemão e ele respondeu com um jargão fluente e com um autêntico sotaque tirolês. Ele alegou que estava “falando alemão” e ficou surpreso quando os outros não conseguiram entendê-lo.

A música de uma língua, sua *entonação,* impressiona mesmo quando você não consegue compreender uma única palavra. Também pode ser a primeira coisa que você aprende. Antes mesmo de se matricular em um curso, você pode absorver o novo sotaque ouvindo alguém falar o idioma e imitando os sons que ele emite. Use sílabas sem sentido, como ao cantar “Tum-de-dum-dum”.

Melhor ainda, imite a forma como o estrangeiro fala inglês. Um sotaque estrangeiro é apenas a transferência de hábitos de fala de uma língua para outra, e pode-se inferir muito sobre o francês, por exemplo, a partir da forma como um francês fala inglês.

Os hábitos de fala, adquiridos durante os anos de formação, estão profundamente arraigados. Muito poucas pessoas após a adolescência são capazes de desistir da sua em favor de um novo conjunto, portanto, muito poucas pessoas aprendem a falar uma língua estrangeira como um nativo. Mas quando você decide aprender um novo idioma, você quer se dar todas as chances de dominá-lo completamente. Uma forma de começar é imitando, em inglês, o sotaque do idioma escolhido. É como aprender primeiro a música de uma canção, para depois poder concentrar-se completamente nas palavras.

Confie no seu ouvido

Numa tarde de março de 1772, James Boswell estava visitando seu amigo Dr. Samuel Johnson, autor de um famoso dicionário de inglês, em sua casa na região de Fleet Street, em Londres.
Eles estavam discutindo outro dicionário que apareceu recentemente.

Boswell: Pode ser útil, senhor, ter um dicionário para verificar a pronúncia.

Johnson: Ora, senhor, meu dicionário mostra os acentos das palavras, se você conseguir se lembrar delas.

Boswell: Mas, senhor, queremos marcas para verificar a pronúncia das vogais. Sheridan, acredito, concluiu esse trabalho.

Machine Translated by Google

> Johnson: Ora, senhor, considere como é muito mais fácil aprender uma língua pelo ouvido do que por qualquer marca. O dicionário de Sheridan pode servir muito bem. Mas você nem sempre pode carregá-lo consigo; e quando você quer a palavra, você não tem o dicionário. É como um homem que tem uma espada que não desembainha. É uma espada admirável, com certeza. Mas enquanto seu inimigo estiver cortando sua garganta, você não poderá desembainhar esta espada.

Certa vez, tive uma experiência semelhante quando visitei um executivo de negócios em Chicago. Ele era presidente de uma grande editora e estava interessado em que eu demonstrasse um método de autoaprendizagem que havia desenvolvido recentemente na Grécia. É pertinente explicar que o método era (e ainda é) totalmente oral: o aluno mantém conversas simuladas com nativos gregos, orientadas por um professor americano, todas gravadas em cassetes.

Coloquei um gravador para o executivo, fiz com que ele começasse a Lição Um e saí da sala. Quando voltei no final da aula de meia hora, descobri que, contrariando minhas instruções, ele havia tirado um envelope e anotado todas as palavras gregas da aula. Ele ergueu-o com orgulho quando entrei. “Acho que consegui todos eles”, disse ele.

Já vi dezenas de pessoas aprenderem a mesma lição e quase sempre conseguem dizer várias frases em grego com fluência. Este homem, porém, acabou com uma lista de palavras no verso de um envelope. O grego estava no bolso, mas não na mente; ele tinha uma espada que não desembainhava.

Como muitas pessoas, este importante executivo não tinha fé na palavra falada. Ele confiou apenas o que ele podia ver escrito.

Uma pessoa que estuda uma língua precisa confiar na palavra falada, por mais insubstancial e evanescente que seja. Ele deve ter fé que os sons, embora invisíveis, têm substância e caráter próprios. Ele deve aceitar como objetivo aprendê-los, os sons, e não sua representação escrita. E quando há um conflito, quando uma palavra não tem a aparência que soa, então é nesse som que ele deve acreditar e ao qual ele deve se apegar.

Muitas pessoas, até mesmo muitos professores, são vítimas da falácia de que a forma escrita de uma língua é a própria língua. Esses professores cometem então o erro de ensinar da língua escrita para a falada, em vez de vice-versa. Pierre Delattre, uma autoridade respeitada em línguas e no ensino de línguas, explica porque é que isto está errado.

> Parece que o erro básico nos métodos de ensino de línguas é de *ordem.* Colocamos a carroça na frente dos bois. *Usamos o olho antes de usar o ouvido; começamos a escrever antes de começarmos a falar; ensinamos a ler antes de ensinar a pronunciar; estudamos as regras antes de estudarmos os exemplos; nos concentramos na quantidade antes de nos concentrarmos na qualidade.* Em tudo isso, nosso erro é ir contra os fatos da linguagem. Uma língua é antes de tudo “fala” – um sistema de sons transmitidos diretamente da boca ao ouvido e produzidos por reações automáticas dos órgãos da fala. O funcionamento dessas reações automáticas depende dos hábitos linguísticos do falante, e é a aquisição desses hábitos que deve vir primeiro.

A linguagem, como diz Delattre, é acima de tudo a fala, não a escrita: uma língua que não é falada é chamada de “morta”. Se você confiar em seu ouvido, é quase certo que falará com um bom sotaque. Por outro lado, se você confiar apenas nos seus olhos, seu sotaque poderá ser ruim.

Objetivos de curto prazo

Machine Translated by Google

Aprender uma língua estrangeira é como encher um balde com uma torneira que corre lentamente. Se você continuar olhando para ver se está cheio, ficará cada vez mais impaciente. Você pode finalmente chutá-lo e ir embora. Mas se o balde tiver entalhes que mostram quando está um quarto cheio, um terço cheio e assim por diante, então você poderá ter prazer em observar a água subir de um entalhe a outro. O tempo de preenchimento é o mesmo, mas o efeito psicológico é diferente.

Ao aprender uma língua, o objectivo a longo prazo – dominar a língua estrangeira – muitas vezes parece inatingível. É preciso ter objetivos de curto prazo também.

Suponha que você decidiu estudar espanhol. Alguns de seus objetivos de curto prazo podem ser: dominar o presente de certos verbos; pronunciar o r vibrante; ler seu primeiro artigo de revista em espanhol; pedir comida de um menu espanhol. Essas metas podem ser alcançadas com um esforço limitado e você pode se deliciar em alcançá-las.

A função do professor é estabelecer metas para o dia a dia, estimulando seus alunos a se concentrarem, não no distante objetivo da fluência total, mas em dar mais um passo. Um bom professor irá dividir o idioma em tarefas gerenciáveis, ajudá-lo a realizá-las e recompensá-lo quando você o fizer. Não é tanto o seu conhecimento que conta; pode-se encontrar isso em um livro ou disco. Sua habilidade em transformar uma longa cadeia de aprendizagem em vínculos viáveis e satisfatórios é o que mantém seus alunos avançando quando, de outra forma, seriam tentados a desistir.

Machine Translated by Google

Os “comos” da aprendizagem de línguas

Muitas vezes, os professores atribuem novo material a ser aprendido como “lição de casa”: “Faça as próximas três páginas em casa e nós as revisaremos amanhã”. Como estratégia de ensino, isso é tortuoso, pois deixa o aluno sozinho justamente quando ele mais precisa de ajuda. Sozinho com o novo vocabulário ou com os novos pontos gramaticais, ele fica livre para cometer erros e aprender formas erradas o quanto quiser. Eles devem ser desaprendidos mais tarde.

Professores qualificados - há muitos deles e tenho grande afeição por eles, embora, para os propósitos deste livro, eu tenha apontado numerosos erros em sala de aula - professores qualificados, eu digo, preferem apresentar eles próprios o novo material, em sala de aula, para que eles podem fornecer correção instantânea durante os primeiros estágios cruciais do aprendizado.

Ainda assim, independentemente de quão habilidoso seja o professor que ele tenha tido a sorte de encontrar, o estudante de línguas geralmente terá que complementar as aulas em casa. O que se segue é um conjunto de técnicas e princípios, recolhidos de estudantes de línguas experientes, para estudar línguas estrangeiras. A lista não é exaustiva; cada pessoa deve desenvolver suas próprias técnicas que se adaptem às suas capacidades e estilos de aprendizagem. Mas é provável que você ache essas técnicas eficazes, quer esteja estudando um idioma na escola ou estudando um em seu próprio pa
ter.

Machine Translated by Google

8. Como praticar a pronúncia

Danny Kaye, em suas comédias, costumava recitar uma cadeia de sons com sotaque e gestos estrangeiros. O público estava convencido de que ele estava falando francês, quando na verdade ele dizia apenas sílabas sem sentido, pronunciadas com forte sotaque francês. Ele poderia fazer isso em vários idiomas.

A música de uma língua estrangeira é diferente das palavras. Se você conhece pelo menos algumas palavras de uma língua estrangeira, é possível recitá-las com um sotaque tão bonito que pode ser confundido com um nativo. O tipo certo de prática, feita com o estado de espírito certo, pode colocar um sotaque quase nativo ao alcance de qualquer pessoa.

Pense em sons, não em

letras Provavelmente, o maior obstáculo para uma boa pronúncia é imaginar como uma palavra é escrita ao pronunciá-la. As letras escritas estão associadas em nossas mentes aos sons do inglês. Consequentemente, estes sons ingleses sobem automaticamente aos nossos lábios em vez dos sons estrangeiros, e devemos gastar parte da nossa energia no combate a esta tendência. Não há nada de difícil em dizer a palavra francesa para “filho”, que se pronuncia “feess” – até que você a veja escrita: *fils.*

Nunca olhe para a letra *r*

Em inglês, esse som é pronunciado de forma diferente de outras línguas. Nossas línguas se enrolam mais do que em um *r espanhol ou italiano,* e na direção oposta a um r francês ou alemão.

Olhar para a palavra escrita enquanto a diz faz com que a língua instintivamente tome a palavra. posição *do* inglês e, portanto, torna o aprendizado do som estrangeiro mais difícil.

A sequência correta de

aprendizagem A sequência correta de aprendizagem é esta: ouça com atenção para que o som fique firmemente plantado em seu *ouvido;* depois, gradualmente, imite-o com a *língua.* Não use o *olho* até que você tenha a pronúncia correta.

Quanto mais longa a palavra,

mais difícil A palavra espanhola para *nacionalidade* é *nacionalidad.* Possui cinco sílabas (na-cio-na-li-dad), nenhuma delas particularmente difícil de pronunciar sozinha. Mas a tentativa de recitar esta palavra de cinco sílabas pode distorcer a língua de um iniciante. A solução é dividi-lo em partes menores e dominá-lo peça por peça. No entanto . . .

Comece do fim

Machine Translated by Google

Em vez de dizer *na-,* depois *-cio-* e assim por diante, você deve começar pelo final. Diga *-dad,* depois *-lidad,* etc. Você manterá a entonação natural da palavra dessa forma e não correrá o risco de engolir o final. Experimente das duas maneiras e veja.

Trabalhar com um modelo

A pronúncia se deteriora facilmente, então quanto mais tempo você passar sem comparar a sua com a de um nativo, maior será a probabilidade de você voltar aos hábitos de fala em inglês. Verifique sua pronúncia com frequência até que bons hábitos de fala estejam firmemente estabelecidos no novo idioma.

Use um gravador Toda

pessoa que estuda uma língua estrangeira deve possuir um gravador leve e portátil.
O preço dessas máquinas práticas, especialmente as do tipo “cassete”, é baixo o suficiente para que praticamente qualquer pessoa possa comprar uma, e é o aparelho mais prático que se possa imaginar para um estudante de línguas. Algumas das coisas que você pode fazer com um gravador e sem as quais não pode fazer um são:

Tenha um modelo autêntico para consultar em casa.

Aprenda enquanto viaja, mesmo enquanto dirige seu carro.

Programe seu próprio aprendizado e torne-se seu próprio professor.

Ouça sua própria pronúncia e compare-a com a de um nativo.

Armazene as fitas para revisão posterior.

Algumas pessoas gostam de gravar suas aulas de idiomas para poder ouvi-las continuamente. A maioria dos gravadores de cassetes vem equipada com microfones sensíveis e discretos que captam sons de todas as partes de uma sala com uma clareza surpreendente.

No entanto, essas máquinas realmente se destacam em casa, onde podem ser usadas para estudar praticamente tudo: pronúncia, gramática e vocabulário.

Exemplos de exercícios de

pronúncia Você pode ter a sorte de gravar exercícios de pronúncia na sala de aula que poderá usar mais tarde em casa para prática adicional; você também poderá fazer exercícios adequados nas fitas que acompanham seu livro. No entanto, caso você precise (ou queira) fazer seus próprios exercícios de pronúncia, aqui está um exemplo para trabalhar. Presume-se que você consiga a cooperação de outra pessoa para gravar a voz do “modelo”; essa pessoa deve ser um falante nativo, se possível. (Seu professor pode muito bem fazer isso por você e por outros alunos da classe, se você fizer a sugestão.) Caso contrário, peça a outro aluno da classe, que tenha boa pronúncia, para fazer isso por você.

Aqui está uma sequência, que deve levar cerca de trinta segundos ao todo, para aprender a dizer a palavra *nacionalidad* como um nativo. As mesmas técnicas podem ser usadas para frases inteiras e sentenças, bem como para palavras isoladas. Primeiro o modelo fala, depois você repete em uma pausa que deixou para esse fim, e assim por diante, alternando a voz do modelo e a sua:

Modelo	*Você*
-pai	-pai

Machine Translated by Google

-pai	-pai
-pai	-pai
-idade	-idade
-idade	-idade
-nalidade	-nalidade
-nalidade	-nalidade
nação-	nação-
nação-	nação-
nacionalidade	nacionalidade

Cada som é importante

A esposa de um amigo nosso, ansiosa por melhorar o seu francês, localizou uma francesa e marcou um horário para ir ao apartamento dela para aulas de conversação. Ela começou seu primeiro visita explicando que seu francês era fraco porque ela não havia estudado muito francês gramática. Para sua surpresa, a francesa começou a questioná-la sobre a avó. A esposa do nosso amigo ficou perplexa, mas a conversa continuou, e só depois durante a aula, refletindo sobre como tudo tinha acontecido, ela percebeu que devia ter dito *grand'mère* (avó) quando ela se referia *a grammaire* (gramática). Diferentes como parecem no papel, essas duas palavras francesas estão a apenas um som de serem pronunciadas de forma idêntica, e ela havia dito o som errado.

Muitas vezes é difícil para as pessoas que estudam uma língua compreender por que o seu professor insiste em nuances de pronúncia aparentemente triviais. Se dois sons são tão parecidos que mal se consegue ouvir a diferença, por que se preocupar em aprender a distingui-los? É porque, por mais parecidos que possam parecer para um estrangeiro, cada som é totalmente diferente de todos os outros som para um falante nativo do idioma; ele nem consegue imaginar como alguém pode falhar para perceber a diferença. Você já pensou que “isso” poderia ser confundido com “comer” ou “navio” com “ovelhas”? Provavelmente não, mas para muitos estrangeiros que estudam inglês, isso a distinção parece tão tênue que é quase impossível de dominar. Muitos nunca conseguem dominá-lo e então temos a caricatura de quadrinhos de um estrangeiro como alguém que diz: “Nossa, eu theess” para “Dê-me isso”.

Atire em todos os problemas à vista

Uma anedota divertida me ajudará a defender meu ponto de vista. Durante a década de 1950, viajei para Europa em um navio estudantil holandês. Era um ex-navio militar da Segunda Guerra Mundial e por US$ 150 você poderia conseguir um beliche em um dormitório.

Durante a viagem de treze dias, nós, passageiros, conhecemos alguns membros da tripulação holandesa bastante bem. Aquele que víamos com mais frequência era um camareiro cujo trabalho era circular entre os passageiros três vezes ao dia, na hora das refeições, tocando um conjunto de sinos construídos como um sino de criança xilofone. Tinha quatro notas – bong, bong, BONG, bong.

Machine Translated by Google

O navio estava tão cheio que os passageiros tiveram que ser alimentados em duas sessões, o que duplicou o trabalho do camareiro. Para anunciar a refeição do meio-dia, por exemplo, ele andava às 12h30, gritando: “Primeira sessão. . . primeira sessão.” Ele voltaria às 13h30, gritando: “Segunda sessão. . . segunda sessão.”

O ponto principal da história é que não há distinção na língua holandesa entre o soa se você entende *o* que quero dizer.

Durante treze dias, os alunos a bordo não se cansaram de provocá-lo. Fingiam não entender para que ele repetisse, sempre com bom humor infalível, gritando a palavra ainda mais alto do que antes.

Se o mordomo quisesse seriamente aprender inglês, esse incidente teria acontecido apenas uma vez. Ele teria notado a alegria que sua pronúncia estava produzindo, descoberto o motivo e praticado até que desaparecesse. Para ele, porém, pode ter sido mais gratificante conviver alegremente com os passageiros do que aperfeiçoar o sotaque, por isso não o fez.

Não pratique sons isolados

Não se deve tentar praticar sons isoladamente. Pronunciar um *r* francês sozinho, por exemplo, não só é excessivamente difícil, como também é irrealista. Quando é que alguém diz um som sozinho, exceto “Oh!” para transmitir surpresa e “Ah!” para indicar admiração?

Sempre pratique sons em um ambiente específico. O *r francês,* supostamente um som muito difícil, é mais fácil de pronunciar na palavra *Paris* do que no *rouge* e precisa ser praticado em ambos. O *r* espanhol também é mais difícil de pronunciar no início de uma palavra *(rojo,* “vermelho”) do que no meio *(duro,* “duro”) e, na verdade, é ligeiramente diferente em cada uma das palavras seguintes, dependendo de os sons que o rodeiam: *rio, por, para, padre, Francisco, tren.*

Pense em clusters de som

Cada som é um pouco diferente dependendo da sua configuração, devido à forma como a língua deve deslizar de um som para o outro. Na expressão francesa *J'en ai un* (“Eu tenho uma”), ou na frase espanhola *Voy a hacerlo* (“Eu farei isso”), você pode dizer cada palavra autenticamente e ainda assim ser incapaz de combiná-las. com sotaque nativo. É preciso praticar o deslizamento e também os sons.

Pratique frases inteiras, não palavras

Na vida real, uma série de palavras como “Não sei” ou “Não na sua vida” é dita como se fosse uma única palavra, num grupo de respiração, sem pausa. Da mesma forma, se você parar para respirar no meio de uma frase estrangeira que deveria ser dita de uma só vez, você não a está dizendo corretamente; você até corre o risco de ser incompreensível. A maioria das pessoas pensa na linguagem como uma coleção de palavras isoladas, talvez porque os dicionários estejam organizados em entradas de uma palavra. Mas o que é conveniente num dicionário na verdade violenta a realidade da linguagem. Ao praticar a pronúncia, é melhor pensar em termos de grupos de palavras e praticar o idioma dessa forma.

Dominando um som difícil

Machine Translated by Google

Pouco depois da Segunda Guerra Mundial, eu era estudante na Sorbonne e morava num hotel no Quartier Latin. Conheci vários estudantes franceses que também moravam lá, incluindo um jovem ator e uma garota de opiniões violentas de esquerda. Nós três costumávamos nos reunir à noite, e às vezes eu conseguia presenteá-los com uma iguaria rara, como chocolate quente ou café do último pacote de “cuidados” da minha mãe. Durante a bebida, eu repetia as novas palavras que havia aprendido naquele dia para verificar se entendia seu significado e se as pronunciava corretamente. Eu estava na França há menos de três meses e o francês era muito penoso e trabalhoso para mim.

Um dos meus sons mais difíceis foi o francês u. No começo eu não conseguia dizer nada direito. Depois fui capaz de pronunciá-lo em palavras como *du* e *pure,* mas ainda estava muito longe de dizer outras palavras — rue, por exemplo — como um francês. Há um anúncio no Paris *Herald Tribune* que orienta o leitor sobre como chegar ao Harry's Bar. Diz: “Diga ao taxista, SANK ROO DOE NOO” (5 rue Daunou). Minha pronúncia era um pouco melhor que isso, mas não pude evitar a palavra *rue,* pois precisava dela praticamente todos os dias para pedir informações ou trocar endereços com as pessoas.

Tentando dominar a palavra *arruda,* eu andava repetindo-a para mim mesmo em momentos estranhos, geralmente em voz alta – arruda, *arruda, arruda.* À noite, eu perguntava aos meus dois amigos se agora estava certo — e eles diziam “não” e me mostravam pacientemente, pela milionésima vez, como deveria soar.

Finalmente, em desespero, tropecei no método de “discriminação” para dominar um som estrangeiro realmente difícil. Comecei a monitorar cuidadosamente quando meus amigos achavam que eu estava mais próximo e quando achavam que eu estava mais longe da pronúncia correta. (Para mim, parecia o mesmo o tempo todo, é claro.) Finalmente percebi que, quando acidentalmente produzia uma espécie de assobio estridente ao dizer a palavra, eles diziam: “Pronto, está melhor”. A partir daí foi uma questão de me treinar para dar-lhe essa qualidade de assobio o tempo todo. Embora às vezes eu retrocedesse por causa do cansaço, eu sabia que, se me desse ao trabalho, poderia dizer isso corretamente.

O importante para dominar um som difícil é ouvir com muita atenção, tentando descobrir o que lhe confere a sua qualidade distintiva. A boa pronúncia, como tentei explicar, não começa na boca, mas no ouvido.

Convide um amigo para tirar sarro de você

Quando você tiver dificuldade para ouvir a diferença entre o que você está dizendo e o que deveria dizer, peça a um conhecido que seja nativo (ou que pareça um) para imitar sua pronúncia seguida pela correta. Errado-certo, errado-certo, assim: *roo/rue . . . roo/rua . . .* de novo e de novo. Apenas ouça e tente perceber onde está a diferença.

Não tente dizer isso prematuramente; você corre o risco de ficar desanimado facilmente neste momento. Continue ouvindo até sentir a diferença penetrando em você e o desejo de dizê-la você mesmo se tornar forte. Muito provavelmente, você estará em transe de concentração naquele momento, por se concentrar tanto em uma pequena diferença no som. Em seguida, comece um exercício no qual você mesmo diz a palavra ou frase, com seu amigo lhe dizendo a cada vez se você está dizendo bem ou mal. Faça isso por várias tentativas, até que os “poços” se tornem muito mais frequentes do que os “ruins”; mas . . .

Machine Translated by Google

Se você bloquear,

pare É possível ficar tão drogado com repetições que a frase estrangeira perde todo o significado; a pessoa fica paralisada e temporariamente incapaz de continuar. Se isso acontecer, pare imediatamente e retome a prática mais tarde, após uma mudança completa de atividade.

Sons difíceis em cada idioma são poucos

Conheci uma vendedora de imóveis na Califórnia que achava que seu sotaque russo estava interferindo em seus negócios. Ela me disse que estava desesperadamente ansiosa para fazer algo a respeito. Analisei seu discurso e descobri que, na verdade, ela cometia apenas três ou quatro erros de pronúncia. Com uma aplicação modesta, ela poderia ter eliminado ou pelo menos melhorado todas elas. Mas sempre que eu identificava um problema específico para ela, ela subitamente "perdia o interesse", alegando que era muito difícil pensar em corrigi-lo.

Muitas pessoas reagem desta forma. Quando a discussão de um problema de fala se torna muito específica, eles ficam psicologicamente "bloqueados" e se desligam. Poderia ajudar se eles pudessem ser convencidos de que os problemas de fala não são infinitos, como muitas vezes parecem, mas na verdade são muito poucos e definitivamente solucionáveis.

Quando dizer "o inferno com isso"

A pronúncia é importante o suficiente para que se tente conscientemente dominar o autêntico sotaque estrangeiro. Demonstra-se respeito pelos estrangeiros não fazendo uma caricatura da sua língua. Além disso, nunca se sabe ao certo quando um problema de pronúncia pode levar a um mal-entendido, ou mesmo a tornar-se ridículo, como fez o administrador holandês.

No entanto, uma língua envolve muito mais do que a pronúncia. Todos conhecemos pessoas que imigraram para os Estados Unidos e trabalharam com sucesso aqui, apesar do notável sotaque estrangeiro. Depois dos dezoito anos, francamente, são poucas as chances de alguém perder completamente o sotaque estrangeiro. Os objetivos mínimos de uma pessoa deveriam ser: (1) aprender todos os sons da língua estrangeira para não correr o risco de trocar uma palavra por outra e (2) falar a língua com sotaque inofensivo. Além disso, o desejo de possuir um sotaque perfeito deve ser avaliado em relação à quantidade de prática e atenção necessárias para obtê-lo.

Machine Translated by Google

9. Como dominar a gramática

Uma mulher americana no México faz um grande trabalho ajudando os mexicanos nas áreas rurais a melhorar a sua situação. O espanhol dela é fantasticamente ruim. Seus verbos são todos infinitivos e sua pronúncia é deplorável. No entanto, ela é eminentemente bem-sucedida com os funcionários do governo, pois vai a uma reunião e tenta tanto explicar o que quer que os funcionários mexicanos sentem pena dela. Logo eles começam a ajudá-la a defender sua causa e, no processo, convencem a si mesmos e a outros funcionários a dar-lhe o que ela deseja. Para ela, vale a pena manter um baixo nível de desempenho gramatical.

Não estou sugerindo que se deva aprender mal uma língua deliberadamente, mas acredito que se deve concentrar na comunicação. Se você transmitir sua mensagem usando as mãos, os olhos e tudo o mais que puder reunir além das palavras, terá a chance de melhorar sua gramática à medida que avança. Se você insistir na gramática correta desde o início, poderá desistir por pura frustração.

Na verdade, a insistência tola na "gramaticalidade" como um valor em si é sem dúvida responsável por mais desânimo e fracasso nas aulas de línguas do que qualquer outro factor.
É especialmente míope quando se considera que, em qualquer situação da vida real, uma pessoa pode escolher entre muitas formas alternativas de transmitir o que quer dizer. Alguém que aprende uma língua precisa de aprender a sua gramática, é claro – mas organicamente, como parte de uma comunicação interpessoal completa que inclui expressões faciais, gestos, convenções sociais e muitos outros componentes que podem superar a importância da gramática.

A ênfase deve estar na comunicação, e se o seu professor não colocar isso aí,
então você deve fazer isso por si mesmo. Esta seção irá explicar técnicas que irão ajudá-lo.

Quanta gramática existe?

Esta é uma pergunta legítima para alguém que está desenvolvendo um idioma, para que possa avaliar a tarefa total antes de começar. A resposta bastante encorajadora é que toda a gramática que uma pessoa precisa saber é abordada em um curso universitário típico de um ano (dois anos no ensino médio). Depois disso, os cursos seguintes apenas repetem a mesma gramática em frases mais complexas – frases que se tornam mais literárias à medida que avançamos, isto é, cada vez mais longe da fala normal.

Gramática "generativa"

A gramática geralmente é organizada em linhas linguísticas e não psicológicas. O gramático está principalmente preocupado com a ordem e a consistência interna de sua análise – e não com sua capacidade de ensino. Conseqüentemente, a gramática é geralmente apresentada de uma maneira que viola

Machine Translated by Google

princípios de aprendizagem psicológica mencionados neste livro: antecipação, aprendizagem orgânica, a "necessidade de saber".

Uma abordagem revolucionária da gramática surgiu nos últimos anos e pode eventualmente melhorar a situação. Esta abordagem "generativa", frequentemente associada ao nome do seu criador, Noam Chomsky, visa simular o processo pelo qual os falantes nativos criam ("geram") expressões na sua língua. Nas últimas décadas assistimos a um tremendo aumento de interesse e actividade nesta nova abordagem, mas em grande parte nas fronteiras da linguística pura. Poucas coisas de valor prático foram infiltradas nos livros didáticos de línguas, e Chomsky afirmou claramente que duvida que quaisquer aplicações possam ser feitas no estágio atual desta nova ciência. Como alunos de línguas, ainda dependemos da gramática tradicional.

Medo da gramática

A palavra "gramática" aterroriza o coração de muitas pessoas, mas na realidade a gramática básica de uma língua é razoavelmente fácil de dominar. A gramática não é um terror para uma criança de três anos enquanto ela aprende sua língua nativa, porque ela a assimila de forma inconsciente e intuitiva. Assim como andar de bicicleta ou patinar, uma forma de dominar a gramática é "sentir", com muito pouca verbalização de regras. Esta é uma alternativa (ou complemento) viável ao aprendizado de gramática por meio de regras e exemplos e, por ser menos familiar, quero expor um pouco como funciona essa abordagem intuitiva.

Gramática pelo ouvido Pierre

Delattre, comentando um experimento que realizou em que uma turma aprendia gramática francesa pelas regras enquanto outra aprendia ouvindo gravações, relatou que "os alunos que trabalhavam com gravações adquiriam hábitos gramaticais com uma facilidade inesperada. Eles superaram problemas que pareciam muito complexos à luz da análise linguística."

Usando uma analogia musical, ele continuou: "Aprender gramática a partir das regras é como aprender a interpretação de uma melodia de segunda mão a partir das explicações de alguém que a ouviu cantada. Aprendê-la a partir da fala direta, como acontece com as gravações, é como aprender a interpretação de uma melodia diretamente ao ouvi-la cantada. É a única maneira de obtê-lo de forma completa e exata.

"Afinal", concluiu Delattre, "o ouvido humano é responsável pelo que é a fala humana; e o que o ouvido fez, o ouvido pode compreender melhor que a mente. O ouvido pode achar simples o que a mente chama de complicado."

Gramática através da prática oral

Enquanto ensinava francês na UCLA, fiz uma experiência semelhante à de Delattre que mostrou vividamente o valor de uma abordagem oral da gramática.

Uma das características mais difíceis de ensinar da gramática francesa é o uso de pronomes. Eles não são difíceis em si, mas as regras sobre eles são complicadas de expressar.

Je le lui donne significa "Eu dou a ele". *Le* é o pronome de objeto direto; *lui* é o pronome de objeto indireto.

Machine Translated by Google

A maneira tradicional de ensinar esses pronomes é fornecendo as regras – primeiro para o objeto direto, depois para o indireto e depois para ambos juntos. Muitas vezes, leva de uma semana a dez dias para ensinar pronomes em um curso universitário.

Um ano, quando chegou a hora de ensinar pronomes, pedi aos meus colegas que me deixassem fazer uma experiência. Certas turmas praticariam dizer frases cheias de pronomes no laboratório de línguas, sem ouvir quaisquer regras, enquanto outras turmas ("de controle") as aprenderiam pelo método usual – uma declaração de regras seguida de exercícios escritos e orais. Então ambos os grupos fariam o mesmo teste.

Embora não estivessem convencidos, eles concordaram em me deixar fazer o experimento, sabendo que poderiam sempre ensinei as regras mais tarde se meu método oral falhar.

Os alunos do grupo "experimental" compareceram duas vezes ao laboratório de línguas.
Trabalhando com gravações em fita, eles primeiro repetiram cerca de trinta frases em francês contendo pronomes. Em seguida, eles fizeram uma variedade de "exercícios padrão". A fita dizia, por exemplo, *Je réçois le paquet* (eu recebo o pacote), e durante uma pausa o aluno deveria responder com *Je le réçois* (eu recebo).

As sentenças práticas tornaram-se gradualmente mais complexas até que os alunos pudessem responder a uma deixa como *Je donne le cadeau à Henri* (eu dou o presente a Henry) dizendo: *Je le lui donne* (eu dou a ele). Durante as duas sessões de trinta minutos, eles ouviram e disseram mais de cem frases em francês contendo pronomes em diversas configurações.

Enquanto isso, as turmas de controle recebiam instrução convencional. Eles aprenderam uma regra para pronomes de objetos diretos e os praticaram por um tempo, depois uma regra para pronomes de objetos indiretos seguida de prática e, finalmente, uma regra para ambos juntos, com prática adicional. Parte ou a totalidade dos seis períodos de aula foram aproveitados desta forma.

O resultado foi que, quando ambos os grupos foram testados quanto à sua capacidade de dizer e escrever frases em francês contendo pronomes, os alunos que passaram apenas sessenta minutos praticando no laboratório tiveram um desempenho ligeiramente melhor do que aqueles que passaram mais de uma semana praticando isso em sala de aula. .

A razão da sua vantagem é simples. Eles ouviram e disseram um grande número de frases corretas em francês, e seus ouvidos ficaram tão afinados que apenas uma frase correta "soava certa" para eles. O grupo convencional, tendo que confiar nas regras, foi obrigado a descobrir cada frase com esmerado cuidado. Isto não só lhes levou mais tempo, como também estavam muito mais propensos a cometer erros triviais ao aplicar ligeiramente mal as regras, uma vez que não tinham um "senso de correcção" ao qual recorrer.

Este "senso de correção", alojado no ouvido de cada falante nativo através de longa habituação, permite-lhe reconhecer instantaneamente uma frase incorreta quando a ouve.
Como falantes nativos de inglês, não temos a menor dúvida de que "He is going" é uma frase correta, enquanto "he going" não é padrão, mas é possível (talvez conversa de bebê), e "Going he" é impossível. Usando este sentido, podemos identificar instantaneamente estrangeiros e outros falantes de inglês não padrão, e podemos corrigir os nossos filhos quando eles dizem "Ele foi" em vez de "Ele foi". Uma pessoa que aprende uma língua estrangeira precisa desenvolver esse mesmo sentido, e a prática oral extensiva é o caminho mais direto para obtê-lo.

Machine Translated by Google

Os outros professores ficaram surpresos com os resultados do experimento. Convenceu-os de que a prática oral pode ser uma alternativa viável à gramática convencional, pelo menos para alguns alunos, e que a prática oral é, no mínimo, um complemento precioso para “aprender as regras”.

Qualquer pessoa pode realizar sua própria prática oral usando uma fita ou gravador de cassetes. O que o que precisamos saber é como “programar” um exercício de linguagem.

Seguindo um princípio simples, pode-se transformar um gravador em uma sofisticada “máquina de ensino”. Chamo este princípio de “antecipação” porque o aluno deve antecipar a resposta correta; ele mesmo deve dizê-lo antes que a fita o diga. Este princípio, que acredito ser absolutamente básico para a aprendizagem, merece mais discussão.

Antecipação A

melhor disposição do material para aprendizagem, que muitos bons professores usam instintivamente, é: (1) propor um desafio, (2) deixar os alunos tentarem responder e (3) fornecer a resposta correta.

Este princípio pode ser visto em ação onde quer que as pessoas estejam envolvidas na aprendizagem. Quando o papai pergunta ao filho quanto vale dois mais dois e depois começa a dar a resposta, a criança interrompe: “Não, não, papai, deixe-me tentar sozinho”. Ele está exigindo o segundo passo, a pausa.

Então a criança arrisca uma resposta. “Quatro”, ele diz, e imediatamente depois: “Está certo, papai?” Ele está exigindo o terceiro passo. E ele não permitirá que o papai simplesmente diga: “Isso mesmo”. Ele insiste que a resposta seja repetida. Papai deve dizer: “Isso mesmo, dois mais dois são quatro”.

A violação mais comum deste princípio entre os professores de línguas é a sua insistência incómoda na repetição. Eles fazem os alunos repetirem frases na língua estrangeira, na expectativa ingênua de que as formas corretas “penetrem”. Mas a mente, dizem-nos os neurofisiologistas, não funciona como um disco de cera cujas ranhuras se desgastam mais profundamente com a repetição. Pelo contrário, a repetição pode ter um efeito embotador e embotador que, quando levado ao extremo, torna-se hipnótico. Uma palavra repetida muitas vezes logo perde todo o significado e se transforma em uma confusão de sons.

É a novidade que desperta a atenção da mente; animamos nossos ouvidos diante do inesperado. Segundo um neurofisiologista reconhecido internacionalmente, HW Magoun, os factos conhecidos sobre o funcionamento do cérebro “implicam claramente que a repetição é a primeira lei, não da aprendizagem, mas da habituação, cuja influência sobre a aprendizagem é negativa e não positiva. Obviamente, a promoção da novidade, em vez da repetição, deveria tornar-se a lei primária da aprendizagem.”

Novidade significa algo novo, um novo desafio. Traduzido em uma fórmula que pode ser usada no estudo da gramática, o princípio da antecipação de três etapas torna-se:

SUGESTÃO — PAUSA — RESPOSTA

Machine Translated by Google

Para “programar” seu aprendizado gramatical de forma mais eficiente, prepare seus próprios exercícios usando a fórmula de três etapas. Primeiro, crie uma série de *dicas* na língua estrangeira *que irão eliciar sentenças contendo a gramática desejada.* A seguir, grave-as em sua fita cassete ou gravador, deixando uma pausa suficiente após cada dica para que, se você conhecesse bem o ponto gramatical, pudesse dar a resposta no tempo permitido. Em seguida, registre a resposta correta após cada pausa. Isto pode parecer complicado, mas um exemplo mostrará que é extremamente simples.

Suponhamos que você seja um estrangeiro estudando inglês e que esteja trabalhando no pretérito do verbo “to go”. Seu exercício pode começar assim:

Cue: Você vai ao cinema hoje? (PAUSA)

Resposta: Não, fui ontem.

Deixa: Sua irmã vai para a Europa este ano? (PAUSA)

Resposta: Não, ela foi no ano passado.

Aproximadamente dez desses conjuntos de dicas e respostas constituem um “exercício padrão”, e um ou dois desses exercícios imprimiriam o pretérito de “ir” em você em questão de minutos.

À medida que você avança, seus exercícios ficarão mais complexos, mas isso não significa apenas usar frases mais longas. O verdadeiro segredo da aprendizagem é misturar gradualmente diversos pontos da gramática – misturar “to go” com outros verbos no pretérito e depois com outros verbos em outros tempos – de modo que “to go” seja evocado *inesperadamente.* A principal característica é fazer com que ele apareça inesperadamente, proporcionando assim a novidade que acelera o aprendizado.

Posso imaginar algumas das perguntas dos meus leitores. Como, você deve estar se perguntando, posso programar exercícios em um idioma que não conheço? A resposta é que você pode encontrá-los prontos em seu próprio livro ou em outro livro. . . pelo menos em formato impresso, e talvez até gravado em fita pelos nativos. Atualmente, alguns editores fornecem esse tipo de ajuda. Caso contrário, você mesmo deve preparar os exercícios e provavelmente não há melhor maneira de aprender.

Você pode objetar que se você se der ao trabalho de escrever exercícios, então não há necessidade real de registrá-los. No entanto, não é a mesma coisa confundir uma frase escrita até acertar e responder prontamente a um interlocutor. Não se domina realmente o ponto gramatical até que se possa usá-lo em voz alta, próximo à velocidade da conversação.

Se bem concebidos e executados em um ritmo inteligente, os exercícios padrão podem ser a principal ferramenta de um estudante de línguas para aprender gramática. Isto é do conhecimento da maioria dos professores, mas muitos não se dão ao trabalho de preparar os exercícios necessários, ou então não os realizam oralmente num ritmo rápido. Então, novamente chegamos a isto: assuma o controle de seu próprio aprendizado. Programe seu próprio estudo de gramática e você se divertirá mais aprendendo o idioma.

Pronomes

Mais de 50% dos exercícios de gramática em um curso elementar de língua tratam apenas de duas características da gramática: pronomes e verbos. Esses dois freqüentemente causam

Machine Translated by Google

consternação bastante desproporcional à sua dificuldade real.

Os pronomes se prestam naturalmente à abordagem do exercício padrão. Praticamente qualquer pergunta que alguém possa fazer resultará no uso de um ou dois pronomes na resposta. Alguns exemplos:

P: Você viu a esposa do seu irmão ontem?

R: Sim, eu a vi.

P: A Sra. Dexter não perdeu muito peso ultimamente?

R: Sim, ela tem.

P: Seu pai não emprestou seu relógio de ouro para o vizinho?

R: Sim, ele emprestou para ele.

O princípio é bastante simples: invente dicas que o forçarão a usar pronomes na resposta. Acho que a maioria dos leitores descobrirá que pode aplicar isso ao seu problema específico de aprendizagem de pronomes, com apenas uma ressalva: você deve esquecer o velho bicho-papão da sala de aula sobre responder em “frases completas” e, em vez disso, dar respostas *naturais* .

Verbos

Os verbos são as únicas palavras na maioria dos idiomas que podem assumir muitas formas. Em francês, por exemplo, um substantivo pode ter apenas duas formas (singular e plural), e um adjetivo apenas quatro (masculino singular e plural, feminino singular e plural). Mas um verbo. . . ! Certa vez contei as diferentes formas escritas que um verbo francês pode assumir e fiquei surpreso ao descobrir mais de 130! Obviamente, aprender formas verbais é uma das tarefas mais demoradas da gramática, mas felizmente existem maneiras de tornar isso mais fácil.

VERBOS REGULARES E IRREGULARES. A divisão dos verbos pelos gramáticos em “regulares” e “irregulares” causa aos estudantes muita angústia desnecessária, pois os leva a acreditar que a linguagem deve comportar-se perfeitamente e que as “exceções” são bandidos repreensíveis que de alguma forma escaparam às regras.

Prefiro assumir, em vez disso, como Zorba, o Grego, que “a vida não tem exceções”. Uma língua viva, como uma pessoa viva, deve ser aceita como é, sem pré-julgar como irá se comportar.

Felizmente, a força de uma analogia na linguagem é forte; novas palavras tendem a se formar no modelo das palavras existentes. Torna-se evidente, depois de aprendido um certo número de verbos “irregulares”, que eles também têm regularidades em comum que os tornam mais fáceis de lembrar.

UMA DÚZIA DE CONCEITOS VERBAIS CHAVE. Os verbos obedecem a um padrão de distribuição distinto: cerca de uma dúzia de verbos comuns (ser, fazer, ir, etc.) respondem por uma porcentagem muito alta de todas as ocorrências verbais. Esses poucos são quase todos “irregulares”, pois, estando na língua das pessoas com mais frequência, evoluíram e mudaram de forma mais rapidamente.

A dúzia de conceitos verbais principais são os seguintes:

ser

Ter

ser capaz

Machine Translated by Google

vir

ir

saber

pegar

querer

dizer ou contar

fazer ou fazer

ver

dar

Faça com que seja um de seus primeiros trabalhos descobrir como o idioma que você está estudando expressa esses conceitos. (Alguns deles, como “ser” em espanhol e “saber” em francês, podem ser expressos por mais de um verbo.) Aprenda a reconhecê-los no presente e no passado. Depois disso, através do poder da analogia, outros verbos “irregulares” se encaixarão facilmente em sua mente. Enquanto isso, conhecendo esses poucos verbos, você pode começar a ler a língua estrangeira praticamente de uma só vez.

APRENDA VERBOS HORIZONTALMENTE. Os livros didáticos separam convencionalmente os verbos da língua românica em várias “conjugações”, que ensinam separadamente, uma de cada vez. Isso é claro e lógico na aparência, mas psicologicamente está tudo errado, tornando os verbos mais difíceis de aprender, enfatizando suas diferenças em vez de suas semelhanças.

Tomando como ilustração três verbos franceses típicos, um de cada conjugação, olhemos para eles da maneira convencional, verticalmente, e do modo que considero o senso comum, horizontalmente.

Apresentação vertical de verbos franceses

1. Primeira conjugação: *laver* (“lavar”)

je lave

você a vê

ele, ela lava

nós temos isso

tu tens isso

Eles lavam

2. Segunda conjugação: *mais fino* (“para terminar”)

eu termino

você é o fim

ele, ela termina

nós terminamos

você termina

eles terminam

3. Terceira conjugação: *vendre* (“vender”)

Eu vendo

você vende

ele, ela vende

Machine Translated by Google

nós vendemos

você vende

eles vendem

Estudando esses verbos de cima para baixo, temos a impressão de que existem três tipos distintos de verbo a serem aprendidos. Para descobrir suas semelhanças seria necessário considerável verificação cruzada.

Aqui estão as mesmas informações posicionadas lateralmente:

Apresentação horizontal de verbos franceses

1	2	3
é lava	eu terminei	Eu vendo
você a vê	você é o fim	você vende
ele, ela lava	ele, ela termina	ele, ela vende
nós temos isso	nós terminamos	nós vendemos
tu tens isso	você termina	você vende
Eles lavam	eles terminam	eles vendem

Lendo linha por linha, descobrimos que cada uma das seis “pessoas” tem uma desinência característica, independentemente de qual “conjugação” o verbo pertence. O plural as terminações são idênticas em todas as conjugações *(-ons, -ez, -ent),* assim como a segunda pessoa desinência singular *(-s).* O *-iss-* inserido no plural dos verbos *-ir* é regular e fácil de mestre. Os únicos problemas de aprendizagem serão as terminações de primeira e terceira pessoa do singular, e mesmo aqui o leque de possibilidades é muito limitado: a primeira pessoa termina em *-e* ou em *-s,* e a terceira pessoa em *-e, -t* ou em nada.1

Este não é o lugar para prosseguir uma discussão detalhada dos verbos franceses. Eu apenas desejo apontar como a linguística triunfou sobre a psicologia no ensino convencional. O que o aluno precisa saber é o final escrito característico que identifica cada pessoa do verbo. Explicações claras e simples de pontos gramaticais como este tendem a surgir naturalmente quando um professor adota uma atitude orgânica e centrada no aluno e deixa sua gramática as explicações sejam guiadas pela crescente “necessidade de saber” dos alunos.

O que você, como aluno, pode fazer é construir sua própria gramática de acordo com suas próprias necessidades, pegando os fatos que você aprendeu em aula ou em seu livro e colocando-os juntos para se adequar ao seu estilo de aprendizagem específico.

Recomendo que você faça isso mesmo correndo o risco de cometer alguns erros. Seu objetivo final, afinal, é ter em mente um esquema gramatical que lhe permitirá “gerar” enunciados na língua estrangeira. Os erros são inevitáveis e sem importância, por isso esquema é um organismo vivo e em crescimento, e será desenvolvido, modificado e melhorado à medida que você ganha mais conhecimento do idioma.

Aprenda a coisa mais difícil primeiro

Machine Translated by Google

Hesito em mencionar o próximo princípio, porque ele parece ir diretamente contra a razão. No entanto, ajudou-me mais do que qualquer outro, por isso não posso deixá-lo de fora.

Uma suposição sobre a aprendizagem é virtualmente universal. Praticamente todos acreditam que a aprendizagem deve evoluir gradualmente, do simples ao complexo. Agora, o que quero sugerir é que, ao aprender uma língua, muitas vezes se deve fazer exatamente o oposto. Meu princípio é este: *aprenda primeiro o que é mais difícil e o resto parecerá fácil.*

O exemplo do pronome fornece uma boa ilustração. A teoria de "um tijolo de cada vez" ditaria o aprendizado de diferentes tipos de pronomes separadamente antes de colocá-los juntos. No entanto, na prática, verifica-se que a frase com vários pronomes ("Ela deu-lho") é tão fácil de aprender como uma frase com apenas um pronome. Talvez mais fácil.

Da mesma forma, uma frase com dois advérbios ("O cavalo correu excepcionalmente rápido") é pouco mais difícil do que uma frase com apenas um ("O cavalo correu rápido") e fornece prática adicional com pouco custo adicional. Na verdade, pode ser mais fácil de lembrar porque é mais interessante.

O procedimento do simples ao complexo é psicologicamente atrasado; gastamos energia renovada em coisas simples e ficamos cansados quando as complexas chegam. O resultado líquido é muitas vezes uma sensação de desânimo.

Acredito que o bom senso dita que se deve atacar os aspectos mais difíceis no início de cada lição, quando se está mais receptivo. Os pontos mais simples tendem a se encaixar sozinhos, e o restante da lição é como descer uma ladeira.

Gênero

Numa cena do comovente filme *Jules e Jim, de François Truffaut,* vemos os personagens-título, um jovem alemão e um jovem francês, sentados diante da lareira num chalé bávaro. Os alemães refletem sobre o gênero das palavras em suas duas línguas:

> Júlio: Pense nisso. As palavras não podem ter o mesmo significado porque não são do mesmo sexo. Em Alemão, guerra, morte e lua são masculinos, enquanto o sol e o amor são femininos. A vida é neutra.
>
> Jim: Vida? Neutro? Essa é uma boa ideia. . . e muito lógico também.

Muitas pessoas hesitam em aprender uma língua, em parte por medo de não conseguirem lembrar os géneros das palavras, um medo que é em grande parte injustificado.

Nas línguas românicas, o género não é verdadeiramente difícil. A maioria das palavras em espanhol e italiano carregam consigo seu gênero, na vogal final *(-o* para masculino, *-a* para feminino).
Em francês não existe um sinal tão simples, mas rapidamente se adquire uma "sensação" de género e se aprende regras úteis – por exemplo, que todas as palavras que terminam em *–ion* são femininas *(ocupação, noção, discussão,* e assim por diante).

Quando alguém esquece o gênero de uma palavra, tenta adivinhar. Em francês, com apenas dois gêneros, um palpite completamente maluco tem cinquenta por cento de chance de estar certo. É claro que um palpite "instruído" tem mais chances, e você finalmente chega ao ponto, depois de alguns meses de

Machine Translated by Google

estudando francês, onde você tem 80 ou 90 por cento de probabilidade de adivinhar corretamente o gênero das palavras.

Não é assim em alemão. Com três gêneros (masculino, feminino, neutro), as chances são de duas para uma de que um palpite esteja correto. Embora essas probabilidades melhorem com o estudo, o problema permanece incômodo em alemão por mais tempo do que em francês. Esta é uma das complexidades da gramática alemã.

Muitas vezes, porém, o problema do género é mais psicológico do que real. Quando alguém é um iniciante óbvio no idioma, os estrangeiros estão bastante dispostos a ignorar ninharias como o gênero errado; as pessoas ouvem o significado do que outra pessoa está dizendo, não a sua gramática. Mais tarde, quando conhecemos melhor a língua, geralmente descobrimos que a nossa "sensação" de género melhorou juntamente com outros progressos; o número de erros torna-se toleravelmente pequeno.

O problema psicológico aqui é que os erros de género parecem "sobressair" na mente da pessoa que os comete. Uma pessoa pode massacrar os tempos verbais e usar toda a ordem errada sem constrangimento, mas se de repente perceber que disse *"le maison"* em vez de *"la maison",* ficará mortificada.

Deveria ser um consolo saber que mesmo os nativos não dominam perfeitamente o gênero. Um programa diário de participação do público na rádio francesa é construído em torno de um tipo padrão de exigência, que consiste em telefonar para casa de um concorrente e ler-lhe uma lista de oito palavras em francês. Ele é pontuado de acordo com quantas palavras consegue atribuir o gênero correto. Eles telefonam para pessoas de duas cidades diferentes; a cidade que conhece melhor seus gêneros é a vencedora.

O controlo do género cresce "organicamente" com o crescente domínio da língua. É preciso precaver-se contra a tendência de amplificar um lapso ocasional, desproporcionalmente à sua real importância.

---

1. Em certo sentido, esta explicação é falsa, porque apresenta apenas as formas *escritas* dos verbos franceses. Na fala, várias terminações são silenciosas e, portanto, o número de formas é menor. Uma das controvérsias mais acaloradas entre os professores de línguas é se se deve apresentar primeiro as formas faladas, primeiro as formas escritas ou ambas juntas. Há muito a ser dito sobre esse assunto e não tentarei resolvê-lo aqui.

Machine Translated by Google

10. Como aprender vocabulário

O leitor já sabe que considero o vocabulário mais difícil de aprender do que a gramática ou a pronúncia. Para se tornar um falante razoavelmente fluente de uma língua, com cinco mil palavras sob seu comando, uma pessoa teria que aprender dez palavras novas por dia, dia após dia, durante um ano e meio. Poucas pessoas conseguem manter esse ritmo; à medida que o vocabulário começa a se acumular, podemos acabar esquecendo palavras antigas quase tão rápido quanto aprendemos novas. Este é um problema sério, mas obviamente pode ser resolvido. Vários dispositivos podem ajudar.

Urgência

Às vezes, a emoção que rodeia uma palavra ajuda a imprimi-la nas nossas memórias, especialmente num país estrangeiro onde todos os contactos parecem ser realçados pela novidade.

George e Marie chegaram à Alemanha apenas um mês antes do nascimento do primeiro filho. Sabendo muito pouco alemão, Marie estava nervosa com a perspectiva de dar à luz num hospital alemão onde os funcionários, apesar de afirmarem o contrário, praticamente não falavam inglês.

Durante sua estada no hospital, ela aprendeu vocabulário com uma facilidade nascida do desespero. Em uma única audiência, ela aprendeu palavras como *Spritze* (injeção), *Narkose* (anestésico) e *stillen* (amamentação). Não há necessidade de repeti-las repetidamente; o impacto emocional deles fez com que eles ficassem gravados em sua mente após uma única audiência.

O mesmo princípio pode ajudá-lo. Tente injetar um toque de urgência em sua atitude enquanto aprende o vocabulário. Até faça isso artificialmente. Mais tarde, a atitude emocional que você teve no momento do aprendizado poderá ajudá-lo a lembrar.

Muitas vezes, uma situação de vida pode ser tratada sem palavras, apenas com um gesto. Certos movimentos da mão ou da cabeça podem significar “Sim” ou “Quero dizer *aquele* ” ou “Pare, pelo amor de Deus!”

Às vezes, uma única palavra é necessária: “mais tarde”, “bom”, “quente”.

Mas de vez em quando um viajante se depara com uma situação em que uma palavra específica é crucialmente necessária – uma palavra que ele não conhece. Esse tipo de palavra, uma vez aprendida, não é facilmente esquecida.

Minha prima Jean, uma mulher bonita e alegre, certa vez fez uma viagem à Itália. Amante da arte, ela pegou o trem de Roma para Ravenna para ver os mosaicos. Era inverno. Ela era a única estrangeira no trem.

Machine Translated by Google

Ela estava programada para uma rápida mudança de trem em Bolonha, mal tendo tempo para ir de um trilho a outro. Ela tinha uma mala pesada e precisava de um carregador, mas não sabia como ligar para um em italiano. Enquanto ela lutava com a mala, com medo de perder a conexão, um italiano em seu compartimento percebeu sua situação. Ele abriu a janela, empurrou a mala para fora e segurou-a pendurada enquanto gritava: *"Facchino. . facchino!"* Um carregador veio correndo até a janela, pegou a mala e correu com ela para o outro trem. Minha prima não teve dificuldade em lembrar a palavra porteiro durante o restante da viagem. Ela se lembra disso hoje, embora não volte à Itália há mais de dez anos.

Não se limite a repetir

O que se espera conseguir ao aprender vocabulário é fortalecer o vínculo entre o estímulo e a resposta — entre alguma situação de vida que exige uma expressão específica e a própria expressão. Simplesmente repetir sem recriar a situação é quase completamente inútil. (Eu digo "quase" porque algo de bom pode ser derivado da repetição: pode ajudar na pronúncia.)

Se a chave para a aprendizagem não é a repetição, o que é? Anteriormente, eu disse que era novidade. Agora quero explicar como a novidade é alcançada por meio da randomização.

Aleatória

Começando com o ABC, aprendemos tantas coisas quanto possível em ordens definidas. Os dias da semana, os números de um a cem, as conjugações dos verbos. Muitas vezes somos ensinados a repeti-los mecanicamente, como uma ladainha.

No entanto, algumas coisas devem ser aprendidas *fora* de ordem – ou, mais precisamente, de *forma aleatória.* ordem. Porque é assim que os encontramos na vida.

O mais importante é evitar o "efeito de ordem serial" – a tarefa complicada de folhear mentalmente uma lista inteira até chegar ao item que você precisa. Se você quiser dizer o número "sete" em uma língua estrangeira, é tedioso ter que percorrer 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Ou se quiser dizer "sábado", você pode descobrir que não consigo lembrar a menos que você recite os dias da semana começando no domingo. Este é o efeito da ordem serial.

O conhecimento é melhor quando flutua livremente na mente, disponível para ser lembrado a qualquer momento, em qualquer ordem. Aprender uma lista mecanicamente pode ser o primeiro passo – pois permite que você faça exercícios enquanto caminha pela rua. Mas a prática mecânica dá apenas a ilusão de aprendizagem, uma vez que não leva a um comando aleatório. Praticar em ordem aleatória, embora possa parecer mais demorado, na verdade economiza tempo a longo prazo e proporciona uma recordação mais confiável.
Foi demonstrado que cinco repetições espaçadas aleatoriamente têm mais efeito na retenção a longo prazo do que muitas repetições feitas mecanicamente.

Use cartões flash

Uma maneira de traduzir em prática o princípio da aprendizagem em ordem aleatória é usar cartões de memória flash. São pedaços separados de papel ou papelão nos quais você insere as palavras que está tentando dominar. Você pode fazê-los a partir de fichas de arquivo ou comprá-las prontas ("cartões vis-ed") na maioria das livrarias escolares. A vantagem deles é que você pode reorganizá-los à vontade.

Machine Translated by Google

Você achará divertido inventar jogos enquanto aprende. Agrupar as cartas em pilhas “fáceis” e “difíceis” pode lhe dar a alegria de ver uma pilha diminuir e a outra crescer à medida que você as domina. Isso pode manter seu ânimo e, ao mesmo tempo, reduzir seu tempo de aprendizado, permitindo que você passe pela pilha “difícil” com mais frequência do que pela pilha “fácil”. O tempo total de estudo é reduzido; você está se esforçando apenas onde é necessário.

É melhor escrever uma frase inteira nos cartões do que uma única palavra, pois uma frase não é muito mais difícil de aprender e é muito mais útil. Alguns psicólogos chegam a afirmar que uma frase não é nada difícil, porque, dizem, a mente a “codifica” como se fosse uma única palavra. Eles ressaltam que as pessoas aprendem sequências numéricas como se fossem uma única unidade (os números 1, 4, 9, 2 tornam-se “mil quatrocentos e noventa e dois”) e sequências de palavras como se fossem palavras únicas (as quatro palavras manter/desligar/ a grama se torna “Keep-off-the-gras”).

As frases são mais úteis do que palavras isoladas porque estão prontas para funcionar sem adaptações adicionais. Se você está estudando inglês e aprendeu a frase “Dê-me um cardápio, por favor”, você pode usá-la quando for a um restaurante. Você também poderá combinar partes dela com partes de outras frases já aprendidas. Ao substituir a palavra “menu”, por exemplo, você pode produzir frases como: “Dê-me uma chave de fenda, por favor” ou “Dê-me um horário, por favor”. Ou você pode inserir outras frases no mesmo espaço, produzindo novos enunciados como: “Dê-me uma tigela de sopa, por favor” ou “Dê-me aquele par de sapatos, por favor”.

Escreva em seus cartões de memória uma frase ou sentença que mostre um uso típico. Se você está estudando francês e quer aprender a palavra vinho, crie um cartão com uma frase como *du vin blanc* (um pouco de vinho branco) ou *Je préfère le vin rouge* (prefiro vinho tinto).

Da mesma forma, se você deseja aprender uma expressão gramatical - digamos *jusqu'à* (até) - coloque-a em um cartão em uma frase como *Il est resté jusqu'au matin* (Ele ficou até de manhã). Quanto mais marcante ou divertida for a sua frase, melhor você será capaz de lembrá-la.

Varie o lado inglês Uma

lista típica de vocabulário de língua estrangeira a ser aprendido é semelhante a esta:

noite – a *noite*

dia – o *dia*

feliz – feliz

pergunta – a *pergunta*

resposta – a *resposta*

. . . e assim por diante. No entanto, esta *não* é a aparência que seus cartões flash deveriam ter, por pelo menos dois bons motivos. Você não quer combinar palavras francesas com palavras inglesas, para não ser capaz de se lembrar *de la nuit* apenas quando pensar “noite”. Em vez disso, você deseja que *la nuit* lhe ocorra quando estiver “pensando em francês”, sem ter que passar pelo inglês para lembrá-lo. Em segundo lugar, você deseja praticar a palavra *nuit* nas mesmas situações em que poderá precisar usá-la.

Assim, você faz vários cartões flash (ou várias linhas em um), usando cada palavra em vários diferentes contextos típicos. Para *la nuit,* você pode fazer três cartões, lendo:

Machine Translated by Google

Lado Inglês	*Lado francês*
Eu nunca saio à noite.	*Eu nunca saio à noite.*
Boa noite.	*Boa noite.*
Dormi mal ontem à noite.	*Não dormi bem ontem à noite.*

Misture essas cartas com as outras para que apareçam em ordem aleatória. Uma vez que você consiga pronunciar a frase em francês em resposta a esses três estímulos diferentes, você "conhecerá" *la nuit* em um sentido muito mais rico do que se pudesse pronunciá-la apenas em resposta à palavra inglesa "night".

Programe sua memória

Certa vez, ouvi um professor dizer para uma turma: "Vocês não devem esquecer os padrões de frases que aprendemos na semana passada. Você deve aplicá-los constantemente." Onde, eu me perguntei, eles deveriam aplicá-los, quando seu único contato com o idioma era nas aulas? Era função do professor evitar que eles esquecessem, e não apenas avisá-los para lembrarem.

Afirmo que a memória de um aluno é em grande parte responsabilidade do professor. Esta é uma noção nova, pois a maioria das pessoas acredita que a memória é um assunto privado e que se uma pessoa esquece o que aprendeu não é culpa de ninguém, mas sim sua. Vou explicar o que quero dizer.

Um valor dos cartões flash é que eles podem ser facilmente aleatórios, embaralhando-os. As palavras surgirão então inesperadamente, por acaso. Suponha, porém, que em vez de depender do acaso, você pudesse "programar" os cartões para que cada palavra aparecesse no momento certo para garantir a retenção mais longa com o menor número de exposições. Tal programa valeria muito, pois reduziria ao mínimo o seu tempo de estudo e, ao mesmo tempo, garantiria virtualmente a máxima retenção.

Existe um programa que chamo de "recordação de intervalo gradual". Aqui está como funciona.

Suponhamos que você tenha aprendido neste instante uma nova palavra do vocabulário. Acompanhe de perto o que acontece enquanto você memoriza. Primeiro você repete algumas vezes, ajustando a pronúncia. Você pode dizer a si mesmo que deseja se lembrar dela, mas depois passa a pensar em outras coisas e, ao fazê-lo, *a palavra que acabou de aprender começa a desaparecer rapidamente.* Se você tentar pensar nisso novamente depois de cinco minutos, provavelmente descobrirá que não está mais em sua mente. Isso é deprimente. ("Droga, esqueci; não tenho memória para essas palavras estrangeiras.")

Mas suponha que você não tivesse deixado a memória desaparecer por cinco minutos? Suponha que você tenha se testado novamente depois de alguns segundos? As chances de você se lembrar teriam sido muito maiores.

Agora o segredo: se você programar seu estudo corretamente, cada vez que reviver um item, será mais difícil esquecê-lo.

Se você se testar depois de cinco segundos, reavivando assim a memória da nova palavra, poderá deixá-la passar um pouco mais antes de reanimá-la novamente (talvez meio minuto), ainda assim

Machine Translated by Google

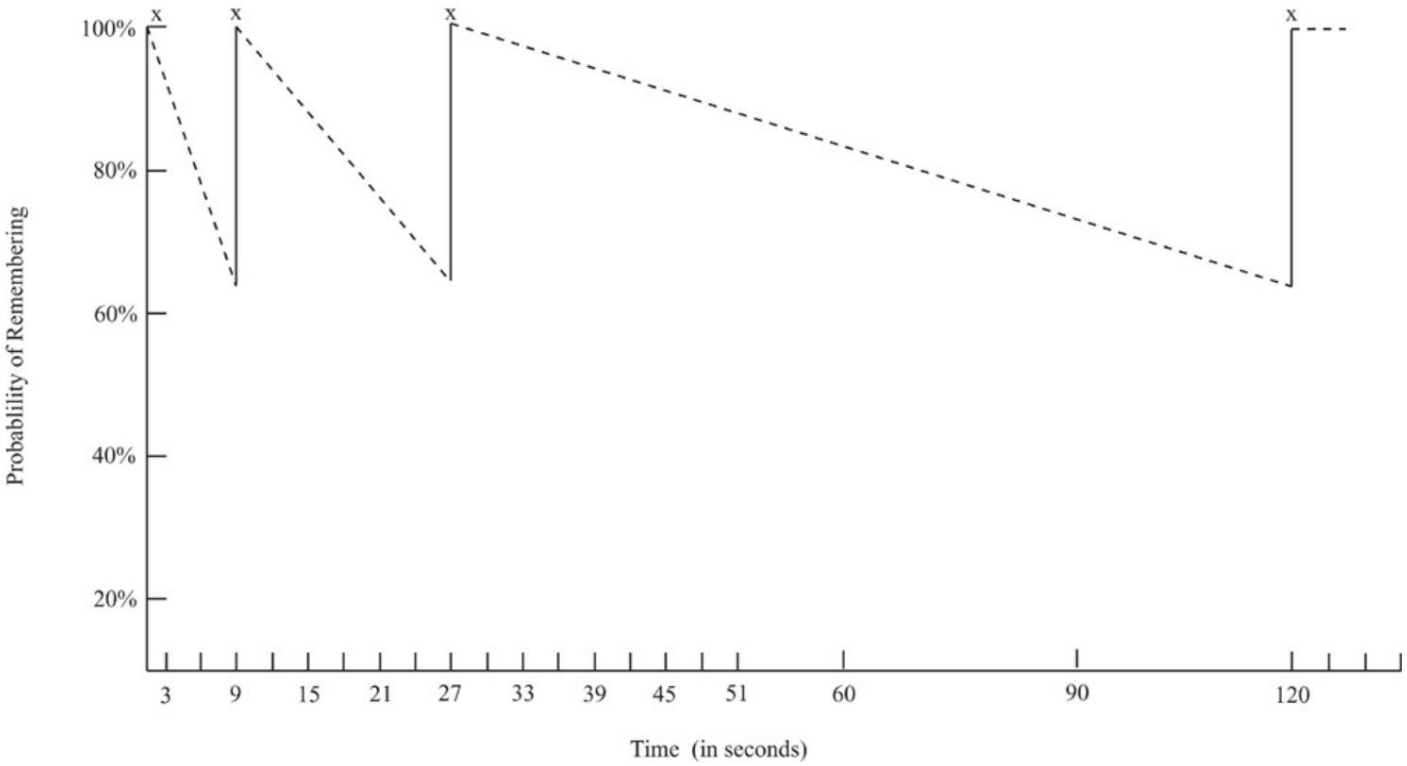
mais na próxima vez (talvez um minuto e meio) e assim por diante até que você se lembre indefinidamente.

Este princípio pode ser visualizado em uma linha do tempo. Na Figura 1 da próxima página, as linhas sólidas representam intervalos de tempo durante os quais você não está pensando no item, mas prestando atenção em outras tarefas.

O princípio da recuperação em intervalos graduados diz que se você refrescar sua memória com frequência no início, você precisará fazer isso cada vez menos com o passar do tempo.

Siga as frequências naturais Uma das maneiras mais rápidas e seguras de aprender vocabulário estrangeiro é através da leitura. Há uma riqueza de associações na leitura, o que auxilia a memória, e a aprendizagem “orgânica” é facilitada pela progressão natural das frequências das palavras.

Figura 1. Cronograma de recuperação de intervalo graduado



À medida que você lê, as palavras que você percebe primeiro são automaticamente as palavras mais frequentes e mais úteis: elas aparecem com mais frequência. Estas são as palavras a aprender primeiro, ignorando outras palavras menos frequentes no momento.

Quando você sentir que já viu uma determinada palavra antes e está cansado de pular ela sem saber seu significado, então é hora de procurá-la. A palavra pode quase parecer saltar da página para você; este é o seu sinal para parar e aprender, porque naquele momento você tem uma motivação forte e positiva que o ajudará a lembrar.

Você também pode ter motivação negativa. Folhear um dicionário é levemente punitivo, especialmente quando você está lendo uma página interessante. Você é obrigado a interromper sua diversão, largar o livro, pegar um dicionário e realizar uma tediosa busca alfabética. O desejo de evitar esse processo cansativo pode motivá-lo a confinar

Machine Translated by Google

sua busca por palavras que você realmente precisa saber. Depois de consultá-los, você pode decidir não esquecê-los para não ter que fazê-lo novamente.

Acima de tudo, ler é um prazer. O prazer de ler – no original – uma peça de Molière, um romance de Dostoiévski, um ensaio de Freud ou um artigo sobre o seu assunto favorito é uma das principais recompensas de aprender uma língua. É também um dos mais acessíveis.
Ler, de longe a habilidade mais simples de dominar, é principalmente uma questão de aprender vocabulário suficiente para “passar o obstáculo”.

“Passando a Corcunda”

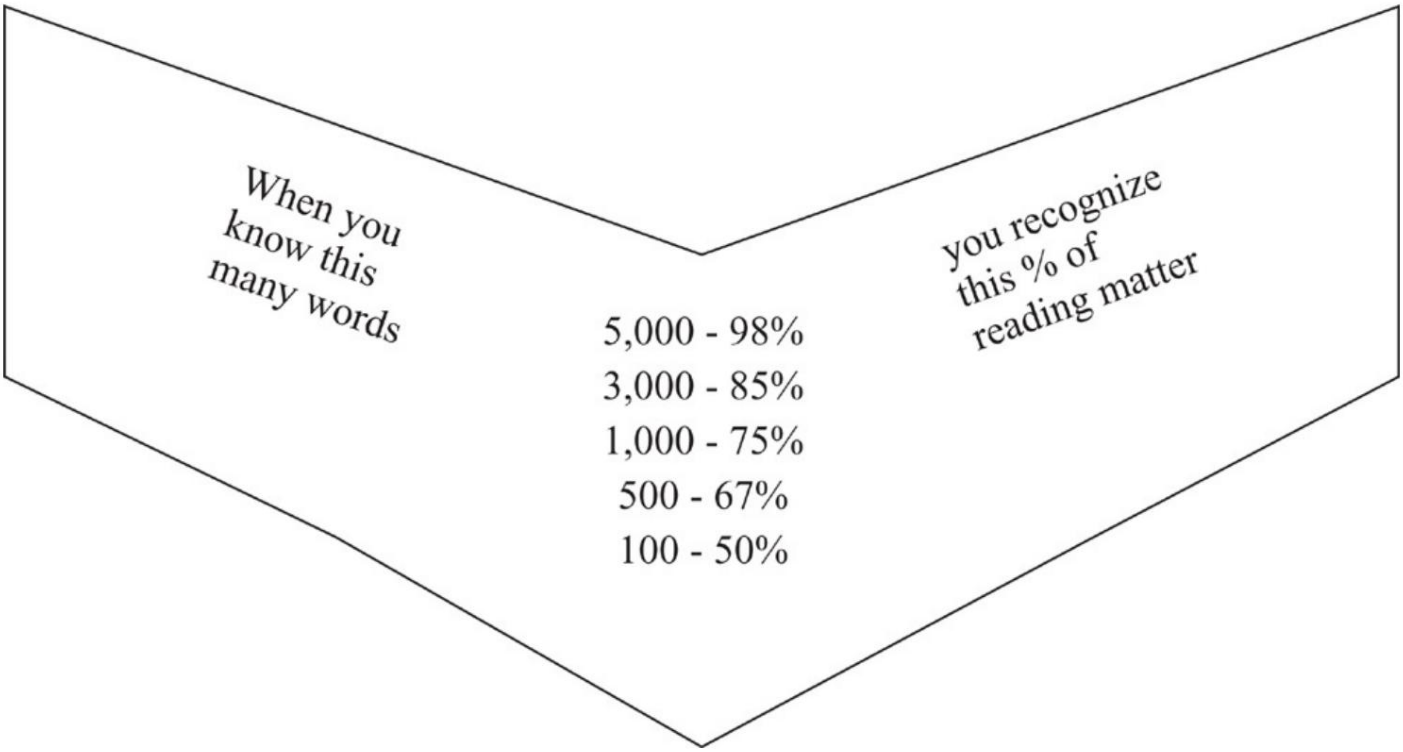
Tomemos um hipotético estrangeiro aprendendo a ler inglês. Se ele usar a abordagem que estou recomendando aqui e aprender primeiro as palavras mais frequentes, descobrirá que, depois de aprender apenas cem palavras, cada segunda palavra na página impressa média lhe parecerá familiar. É claro que ele não será capaz de compreender, mas mesmo assim é importante perceber que as cem palavras inglesas mais comuns representam, na verdade, 50% do vocabulário de um livro inglês típico.

Relembre a primeira frase do parágrafo anterior, que começa com “Tomemos. . .”
Ele contém onze palavras. Cinco delas (us, take, a, to, read) estão entre as duzentas palavras mais frequentes em inglês. Mais três (let, person, English) são quase tão frequentes; elas estão entre as quinhentas palavras mais comuns. Duas das palavras restantes (aprendizado, estrangeiro) são apenas um pouco menos comuns; elas estão entre as duas mil palavras mais comuns. Apenas uma palavra nessa frase é rara: “hipotético”. Num estudo de frequência de cinco milhões de palavras em prosa inglesa, “hipotético” ocorreu apenas uma vez.

À medida que o vocabulário básico do nosso estrangeiro aumenta, a sua compreensão de leitura aumenta acentuadamente. Quando conhecer quinhentas palavras, será capaz de reconhecer dois terços das palavras na maioria dos textos escritos; quando souber mil palavras, reconhecerá três quartos, e assim por diante, até que, quando conhecer cinco mil palavras, 98% do material impresso lhe parecerá familiar. A Figura 2 abaixo ilustra a relação entre a frequência das palavras e a ocorrência das palavras.

Figura 2. Relação entre frequência de palavras e ocorrência de palavras

Machine Translated by Google



No entanto, o nosso hipotético estrangeiro claramente não lerá fluentemente enquanto tiver de procurar cada quarta ou quinta palavra que encontrar. A leitura não deixará de ser um trabalho enfadonho até que ele consiga ler pelo menos algumas frases sem recorrer ao dicionário. O que queremos saber é quando este ponto de cruzamento, esta “corcunda”, poderá ser alcançado.

“Adivinhabilidade”

O inglês se tornará fácil para o nosso estrangeiro ler quando ele puder adivinhar, inferir ou de alguma forma descobrir o significado da maioria das palavras novas que encontrar a partir das palavras que já conhece: quando ele puder entender “ocupação”, embora nunca a tenha visto, porque ele conhece a palavra “ocupar”. Quando ele consegue entender “liderança” porque conhece “líder” e “avó” porque conhece “avó”.

Este é o “problema” na aprendizagem de vocabulário estrangeiro. Depois de ser aprovado, a leitura passa a ser sua própria recompensa, e torna-se um evento simples e prazeroso adicionar uma palavra nova ocasional a um vocabulário já substancial.

A “corcunda”, onde novas palavras se tornam “adivinháveis”, é alcançada mais rapidamente em algumas línguas do que em outras.

Passando no “Corcunda” em alemão

Quando eu estava no ensino médio, meus amigos e eu passamos por um período de “construção de vocabulário”. Passávamos parte de cada noite debruçados sobre livros como *Build Your Word Power,* armazenando palavras esotéricas para “grudarmos” uns nos outros no caminho para a escola no dia seguinte. Como a maioria dos americanos, cresci acreditando que era importante ter um vocabulário amplo.

Foi por isso que fiquei surpreendido quando descobri, anos mais tarde, que todas as pessoas instruídas na Alemanha têm essencialmente o mesmo vocabulário. A língua alemã constrói as suas palavras a partir de um estoque relativamente pequeno de componentes básicos. Todo alemão conhece todos eles quando termina o ensino médio; portanto, todo graduado do ensino médio alemão tem essencialmente idênticos

Machine Translated by Google

vocabulário. A única maneira de “colar” um alemão instruído em um teste de vocabulário é perguntar-lhe palavras arcaicas ou estrangeiras.

O vocabulário “corcunda” é alcançado mais cedo em alemão do que na maioria das outras línguas. As mil palavras alemãs mais frequentes constituem, na verdade, cerca de 80% da maior parte do material de leitura; as segundas mil palavras elevam esse número para 90%.

Ainda assim, mesmo 90% de capacidade de reconhecimento não seriam suficientes para uma leitura fluente se tivéssemos que procurar cada palavra desconhecida – uma em cada dez. O que torna o alemão relativamente fácil é que depois de se ter feito o esforço inicial de aprender as palavras mais frequentes, as novas palavras tornam-se tão altamente “adivinháveis” que normalmente são óbvias sem consultar um dicionário.
O “corcunda” em alemão é ultrapassado quando se conhece mil e quinhentas a duas mil palavras; e muitos deles, devemos lembrar, parecem pelo menos vagamente familiares devido à sua semelhança com palavras inglesas.

Passando no “Corcunda” em

francês O jogo de adivinhação em francês, mostrado em uma seção anterior, demonstrou que um americano pode adivinhar cerca de 30% das palavras em francês sem ter estudado o idioma. À medida que estuda francês, a sua taxa de adivinhação aumenta numa progressão constante (como mostra a Tabela 3 abaixo), até atingir 80 por cento e estabilizar nessa taxa.

Tabela 3. “Adivinhabilidade” de palavras francesas

Número de palavras que você conhece	Porcentagem de palavras que você consegue adivinhar
500	35%
1.000	50%
2.000	60%
3.000	70%
4.000	75%
5.000	80%

Uma pessoa pode ler francês com facilidade assim que tiver um vocabulário de cerca de três mil palavras e puder adivinhar o significado de palavras desconhecidas com 70% de precisão.
No entanto, não se está livre do dicionário até que se conheça quase cinco mil palavras, altura em que ainda se encontra um pequeno número de palavras desconhecidas, mas consegue decifrá-las a partir do contexto ou, como acontece com os nomes de flores e frutos específicos. , por exemplo, pode estar disposto a deixá-los ir.
No entanto, esse número de cinco mil inclui uma grande proporção de palavras idênticas às palavras inglesas ou semelhantes o suficiente para serem reconhecíveis e facilmente aprendidas. Tal como no alemão, o problema “hard-core” em aprender a ler francês provavelmente se resume a aprender cerca de mil e quinhentas a duas mil palavras não cognatas.

Esses padrões de vocabulário alemão e francês apontam para certas conclusões gerais sobre o aprendizado do vocabulário nas línguas teutônicas e românicas: (1) Aprenda o

Machine Translated by Google

as palavras mais comuns primeiro porque irão acelerar seu poder de adivinhação; (2) comece a ler assim que tiver aprendido quinhentas a mil palavras comuns; (3) escolha material de leitura que lhe interesse fortemente e continue a aprender palavras seguindo as frequências naturais.

Se você estiver disposto a fazer o esforço inicial para aprender algumas centenas de palavras comuns, poderá ler a língua estrangeira, embora lentamente, dentro de dois a três meses, e ler com fluência razoável dentro de seis. Esta pode ser a sua primeira grande conquista no aprendizado do idioma, que rende dividendos no prazer da leitura e ajuda a aumentar o seu vocabulário para aprender a falar e escrever. Isto não é um sonho irrealizável. Fatos sólidos dizem que, ao usar essa estratégia, seja em sala de aula ou sozinho, você poderá dominar bem uma língua estrangeira daqui a seis meses.

Machine Translated by Google

Conclusão

Machine Translated by Google

11. Além da palavra falada

A linguagem silenciosa

- Nunca fale com um empresário chinês com as mãos na cintura. Ele vai pensar que você está com raiva dele. • Ao sentar-se com muçulmanos, não estenda as solas dos pés (ou sapatos) na direção dos outros. É muito indelicado.

- Os latino-americanos gostam de conversar de perto, cerca de trinta centímetros de nariz a nariz, enquanto qualquer distância inferior a sessenta centímetros faz um norte-americano pensar que está prestes a ser beijado. Ao conversar com um latino-americano, você pode acabar andando de costas pela sala, com ele em seu encalço.

Há muito mais na linguagem do que meras palavras. Cada língua tem seu próprio repertório de gestos, expressões faciais e movimentos corporais – sinais sem palavras que o ET Hall chamou de “linguagem silenciosa”. Quando você está conversando com falantes nativos, esses meios de comunicação não-verbais são frequentemente de vital importância. Ignorá-los pode causar-lhe problemas na transmissão da sua mensagem, como ilustram os exemplos que acabamos de dar.

Representação de papéis

Um conhecido meu chamado Jerry estava estudando tagalo em preparação para uma viagem às Filipinas. Falei com ele sobre a “linguagem silenciosa” e o aconselhei a desempenhar o papel de um filipino ao máximo durante a aula, usando gestos e expressões filipinas, além de palavras.

O grupo de estudo de Jerry incluía quatro outros estudantes e duas mulheres filipinas que serviam como “informantes nativos”. O grupo utilizou um método desenvolvido no Foreign Service Institute. Eles aprenderam de cor os diálogos conversacionais, sendo a técnica andar ao redor da mesa repetindo uma frase de cada vez, depois duas frases, e assim por diante, até que todos a dominassem mais ou menos. Os informantes nativos estavam lá para corrigir qualquer pessoa cuja pronúncia ficasse abaixo do padrão aceitável.

Naquele dia específico, o grupo estava fazendo um novo diálogo que todos acharam difícil. Certas frases eram longas e complicadas e nenhum dos alunos conseguiu captar a entonação nativa. À medida que o diálogo circulava pela mesa, Jerry lembrou-se do meu conselho e decidiu tentar a representação de papéis.

Ele fechou os olhos e se concentrou em “psicologicamente” na pele de um filipino. Ele imaginou como seria sua aparência: baixo e magro, com pouco mais de um metro e meio de altura, com pele amarelada ou morena. Ele se viu numa esquina de Manila; estava muito quente; ele estava vestido com uma camisa branca larga e calça chino; a camisa estava engomada e usada por fora das calças. Jerry havia trabalhado durante os verões em um hotel resort com garçons filipinos e os conjurou em sua mente para adicionar realismo a esse retrato.

Machine Translated by Google

O tempo todo a conversa girava em torno da mesa, com cada pessoa dizendo duas frases e recebendo correções. Quando chegou a vez de Jerry, ele se lançou ao papel. Jogando a cautela ao vento, ele deixou escapar as duas frases como imaginava que um filipino faria.

Os informantes interromperam a aula e pela primeira vez disseram: “Pronto. Isso foi muito, muito bom. Isso foi autêntico.

Jerry fez algo corajoso. Ele abandonou seu próprio comportamento natural — sua identidade — e assumiu a de um filipino. Ao fazer isso, ele se arriscou a parecer ridículo.

Esse é o tipo de risco que você deve estar preparado para correr se seu objetivo for aprender um idioma muito bem. Deixar-se desempenhar o papel de estrangeiro melhorará seu desempenho. Isso pode ajudá-lo a superar problemas de pronúncia que o incomodavam antes. Isso também animará a aula para você. Durante os momentos de tédio, você pode gradualmente imaginar seu novo eu estrangeiro com mais detalhes: seu trabalho, sua família, seu namorado ou namorada.

O psicólogo Carl Rogers, no seu inspirador livro *Freedom to Learn,* diz: “Acho que uma das melhores, mas mais difíceis, formas de aprender é abandonar a minha própria atitude defensiva, pelo menos temporariamente, e tentar compreender o caminho. em que sua experiência parece e é sentida pela outra pessoa”. A disposição de arriscar abandonar a própria identidade pode ser o factor crucial que permite a certas pessoas aprender uma língua estrangeira como um nativo.

Lidando com momentos embaraçosos A

“linguagem silenciosa” pode produzir alguns momentos embaraçosos quando alguém chega pela primeira vez a um país estrangeiro.

Minha esposa e eu estávamos procurando um apartamento em Atenas. Estávamos lá há apenas alguns dias e sabíamos muito pouco grego. Desde o primeiro dia notamos uma reação peculiar.
Quando fui até uma banca de jornal, por exemplo, e pedi ao homem o *Herald Tribune,* ele balançou a cabeça para cima e para baixo, aparentemente indicando que o tinha, mas não fez nenhum movimento para entregá-lo. Depois de esperar alguns minutos e não receber nenhum jornal, finalmente fui embora, perplexo.

No primeiro prédio que visitamos, tocamos a campainha, o síndico atendeu e recitamos timidamente a frase que havíamos aprendido de cor: “Você tem apartamento para alugar?” O homem olhou para nós amigavelmente – todos os gregos são amigáveis e prestativos com os estrangeiros – e balançou a cabeça para cima e para baixo. Ele parecia estar dizendo que tinha um apartamento para alugar e que esperávamos ser convidados para inspecioná-lo. Ficamos olhando para ele, ele ficou olhando para nós, todos nós ficando cada vez mais envergonhados, até que finalmente nos afastamos, totalmente desnorteados.

Depois de três desses incidentes acontecerem em um único dia, finalmente percebemos o problema.
Quando um grego balança a cabeça para cima e para baixo, ele não quer dizer sim, ele quer dizer não.

Dizer não é uma cerimônia rica em grego, com um conjunto de movimentos de mãos e olhos inimitáveis e altamente expressivos. Quando um grego diz não, ele revira os olhos

Machine Translated by Google

em direção ao céu, levanta as sobrancelhas, estala a língua e levanta ambas as mãos, com as palmas para cima. Ele parece estar invocando os deuses do Olimpo para testemunharem o quanto ele lamenta ter que dizer não em vez de sim.

Nosso constrangimento em Atenas, porém, foi leve, comparado com o que sente uma pessoa que percebe, depois do fato, que soltou um grito gigantesco e nunca mais poderá voltar atrás.
Isto aconteceu com um estudante israelense logo após sua chegada a Austin, Texas, onde planejava frequentar a universidade. Ele tinha acabado de chegar à América e seu inglês era fraco.
Um dia ele percebeu que um botão havia caído de sua jaqueta. Para costurá-lo novamente, ele precisou pedir agulha e linha à senhoria.

Ensaiando mentalmente a conversa, ele teve quase certeza de que conhecia a palavra “agulha”. Ele não conhecia a palavra “thread”, mas estava confiante de que poderia entender a ideia
entre.

Ele desceu e bateu na porta da senhoria. “Entre”, disseram os idosos
Senhora do Texas. "Posso ajudar?"

“Sim”, respondeu o aluno, “gostaria de macarrão e corda”.

Mantenha-se

quieto Há momentos em um país estrangeiro em que você deve ficar sentado e manter a boca fechada.

Rhoda passou um ano na Alemanha depois de se formar na faculdade. Ela queria encontrar um emprego que a colocasse em contato com os alemães e se inscreveu para lecionar inglês em uma escola particular de idiomas. Seu alemão não era muito bom, mas a entrevista de emprego seria em inglês, ou pelo menos foi o que ela presumiu.

Ao chegar, foi conduzida ao escritório da diretora, uma imponente senhora russa que falava alemão com forte sotaque. . . e nada de inglês. Enquanto apertava as mãos, Rhoda murmurou algumas palavras de saudação cuidadosamente preparadas. Ela sentou-se em frente à diretora, que, para imenso alívio de Rhoda, começou a explicar longamente como havia fundado a escola e os tipos de alunos que ela atraía.

Rhoda sentou-se e ouviu como se entendesse, balançando a cabeça amigavelmente de vez em quando para renovar o fluxo das palavras. Depois de vinte minutos, uma secretária interrompeu para dizer que a diretora era procurada ao telefone. Ela rapidamente elogiou Rhoda por seu conhecimento de alemão, disse que ela havia sido contratada e acompanhou-a até a saída do escritório.

Continue falando

Também pode haver momentos em que tudo o que você pode fazer é continuar falando.

Uma senhora idosa que conheço conta sobre uma ocasião em que, ainda menina, foi convidada a visitar um navio de guerra estrangeiro atracado no porto de San Diego. Sua escolta era um belo oficial da Marinha.
Depois de terem visitado o navio, ele a convidou para um drinque na sala dos oficiais. Ficaram ali sentados por mais de uma hora, tempo durante o qual ele não parava de falar. Ele falava sem parar sobre qualquer coisa que lhe vinha à mente e, embora fosse encantador, sua conversa compulsiva finalmente começou a aborrecê-la. Ela interrompeu para elogiá-lo, um tanto ironicamente, por seu domínio fluente do inglês. Ele deve ter percebido o seu aborrecimento, pois explicou que tinha aprendido inglês no seu país natal, Portugal, e nunca tinha passado nenhum tempo

Machine Translated by Google

em qualquer país de língua inglesa. Ele falava muito, disse ele, porque falava a língua, mas não conseguia entendê-la. Ele temia que se parasse por um momento, ela certamente diria algo que ele não entenderia.

Pegue no queixo

Praticamente todo mundo que foi para o exterior passou por momentos embaraçosos como os que contei. Meu "momento mais embaraçoso" permanece comigo até hoje, embora tenha acontecido anos atrás.

Eu tinha vinte anos e estava indo para a Europa pela primeira vez. Embora eu tivesse aprendido francês para três anos no ensino médio, não consegui falar uma palavra sobre isso.

Durante toda a viagem de barco de oito dias, pratiquei dizer a primeira frase que imaginei que precisaria quando chegasse a Paris: o endereço do hotel onde iria me hospedar. Repeti isso para mim mesmo várias vezes: *Deux cent vingt-cinq rue Saint-Jacques* ("225 rue Saint-Jacques").

Quando o barco pousou, as coisas correram quase como eu imaginava. Atracamos em Le Havre e pegamos o trem-barco para Paris, chegando à estação ferroviária de Saint-Lazare. Encontrei uma fila de pessoas esperando por táxis e juntei-me a elas com minha bagagem. Esperando minha vez, pratiquei minha preciosa frase.

Finalmente chegou a minha vez. Subi no banco de trás do táxi, o motorista se virou e olhou para mim por cima do ombro, e eu pronunciei minha frase bem ensaiada: *Deux cent vingt-cinq rue Saint-Jacques.*

Ele não mostrou nenhum sinal de compreensão. Em vez disso, ele me perguntou em inglês, com um amplo Sotaque francês: "Para onde você deseja ir, monsieur?"

Timidamente, contei-lhe o endereço em inglês e recostei-me, infeliz demais para aproveitar minha experiência. primeiros vislumbres de Paris.

Mantendo a garçonete esperando

Às vezes as pessoas criam seus próprios problemas.

Charles e Amy foram a uma confeitaria em Salzburgo, na Áustria, para tomar um sorvete. A loja ficava perto do Festival Hall, e Charles notou na parede uma exposição de programas autografados por cantores e maestros do Festival de Música de Salzburgo. Enquanto ele fazia um desvio para examiná-los, a garçonete atrás do balcão ergueu os olhos com expectativa, preparada para anotar o pedido.

Amy cutucou o marido e disse em voz baixa: "Ela está esperando".

Charles ficou irritado porque sua esposa parecia mais preocupada com a garçonete do que com os interesses dele. Ele atacou, alto demais para ser educado: "Para o inferno com ela, deixe-a esperar", e continuou inspecionando os programas musicais.

Amy saiu da loja, furiosa com ele por tê-la envergonhado em público. Logo Charles a seguiu, furioso com ela por insistir que ele fizesse a coisa "certa" em vez da coisa certa.

Machine Translated by Google

coisa que o interessava. Depois de cerca de meia hora, eles resolveram a briga e continuaram a visita a Salzburgo.

Logo chegou a hora do jantar e eles foram a um restaurante típico austríaco, sem esquecer totalmente a discussão. A garçonete trouxe o cardápio, depois pegou o bloco e o lápis, obviamente esperando que fizessem o pedido. Amy imediatamente começou a se sentir estranha. Sem parar para estudar o cardápio, ela pediu a primeira coisa que lhe chamou a atenção. Então ela se arrependeu, então Charles ligou de volta para a garçonete e disse que eles não tinham certeza do que queriam. Mais uma vez a garçonete ficou ali, esperando que eles se decidissem. E novamente a pressão foi tanta que eles não conseguiram estudar o cardápio, mas fizeram um pedido rápido, só para aliviar a tensão.

A garçonete era uma pessoa simples de uma aldeia austríaca. Não havia nada de imponente nela, nem ela realmente *fez* outra coisa senão prestar um serviço rápido. No entanto, a presença dela deixou-os extremamente desconfortáveis e quase reacendeu uma discussão que teria estragado o jantar.

Como ela conseguiu o poder para fazer tudo isso? Evidentemente, *eles deram a ela.* Ao acreditar que eles tinham que pedir rapidamente e não ousariam deixá-la esperando, eles permitiram que ela os tiranizasse, embora essa não fosse a sua intenção.

Qualquer pessoa que vai para o estrangeiro encontra-se inevitavelmente em tais situações e deve estar preparada de antemão para lidar com elas. Deveríamos aprender a dizer: “Ainda não estou pronto para fazer o pedido”, ou “Volte em cinco minutos”, ou qualquer estratégia que preferirmos. Deveríamos também armar-nos com uma atitude: permaneceremos no comando da situação e não sucumbiremos ao constrangimento, apesar da desvantagem psicológica de ser um estrangeiro gago.

É fácil sentir-se um oprimido num país estrangeiro. É o seu país e a sua língua, e a cada passo nos preocupamos em cometer inadvertidamente alguma grosseria.
Este sentimento é inevitável e é uma boa ideia construir conscientemente defesas contra ele antes de viajar para o estrangeiro.

Pegando pistas Um

agente de viagens grego em Nova York me disse certa vez, durante uma conversa: “Haverá gente demais na Grécia neste verão”.

Achei que era um comentário estranho para um agente de viagens fazer, especialmente porque ele o disse com um sorriso satisfeito, obviamente feliz por seu negócio estar prosperando.

O que ele quis dizer foi: “Haverá muitas pessoas na Grécia neste verão”. A língua grega não faz distinção entre “muitos” e “demais”; a palavra *polli* tem ambos os significados.

Eu queria dar-lhe uma oportunidade de melhorar o seu inglês, por isso respondi deliberadamente com perplexidade. Perguntei: “Como podem ser tantos, já que o turismo ajuda a economia grega?”

Ele estava no mercado em Nova York há quatro anos. Provavelmente outros já haviam reagido de forma confusa antes. Mas ele não captou as pistas deles e não captou as minhas.

Machine Translated by Google

Talvez seu aprendizado “orgânico” do inglês ainda não estivesse preparado para perceber esse erro. Ou então o seu inglês tinha-se estabilizado num patamar onde o progresso futuro era improvável.

Certas pistas simplesmente não podem ser ignoradas. Certa vez, meu vizinho fez uma viagem à Espanha. Ele planejava caçar javalis, o que exigia autorização oficial de um ministério de Madri. No processo de obtenção, ele foi enviado de um escritório para outro e para outro. Em cada uma delas ele dizia a mesma frase, meticulosamente construída a partir de um dicionário de bolso, e todas as vezes era recebido por uma gargalhada. Depois da terceira ou quarta vez, ele finalmente perguntou a uma pessoa que falava inglês o que havia de errado. Ele descobriu que, embora pretendesse dizer “Quero caçar um porco” *(Quiero cazar un cerdo),* em vez disso dizia: “Quero casar *[casar]* com um porco”.

A moral é: quando uma reação estranha segue algo que você disse, sempre procure o motivo. Nunca deixe passar uma chance de corrigir um hábito errado; esses erros são em número finito e é possível corrigi-los todos.

Conhecendo você Uma

razão, talvez a maior, pela qual as pessoas viajam para países estrangeiros é que elas querem se entender melhor através da compreensão dos outros. Podemos descobrir quem somos e como nos tornamos assim observando pessoas que foram moldadas de forma diferente por outro ambiente. O contrato é mais nítido onde o sistema social e político do país se afasta mais do nosso. Para muitos americanos, este é o fascínio de uma viagem à Rússia.

Fred Jenkins, executivo júnior de uma empresa petrolífera, estava visitando a Rússia numa viagem de vinte dias. Ele havia estudado russo durante um ano na faculdade e, embora não conseguisse manter uma conversa fluente, conseguia pedir borscht, ônibus e banheiro. Isso lhe deu confiança suficiente para sair do grupo. Ele queria “ter uma ideia” do país e do povo.

Ele primeiro ficou surpreso, depois ofendido pela grosseria que às vezes encontrava.
Quando ele foi ao correio para enviar um pacote, ele estendeu o pacote e perguntou se poderia enviá-lo. A resposta foi um *Nyet* abrupto ! (Não!). Nenhuma explicação; nenhum conselho sobre como fazer isso. Apenas *Nyet!* Com uma carranca.

Mais tarde naquele dia, ele queria um copo de chá. Estava quase na hora de fechar o salão de chá e uma mulher grande e rechonchuda bloqueava a porta. Fred perguntou a ela, em um russo ruim, se ele poderia entrar para tomar um copo de chá, prometendo beber rapidamente e ir embora. A sua resposta, num tom de voz inequívoco, foi *Nyet.*

Até então, Fred aceitava essas recusas da maneira educada e submissa que um viajante tende a adotar em um país estrangeiro para evitar ofensas. Mas ele estava ficando cada vez mais irritado por ser gritado e empurrado. Ele decidiu ver o que aconteceria se ele retribuísse o tratamento na mesma moeda.

Ele voltou para o salão de chá, onde a mulher ainda guardava a porta. Mais uma vez ele perguntou se poderia tomar um copo de chá e novamente foi encarado e contou a *Nyet.* Desta vez, em vez de ir embora, ele começou a argumentar num russo vacilante, mas agressivo, reforçado por

Machine Translated by Google

gestos vigorosos. Gritou que essa era uma ótima maneira de tratar um visitante, que tudo o que ele queria era um copo de chá e não atrasaria o horário de fechamento, e assim por diante. Após um momento de hesitação, a mulher deu um passo para o lado e deixou Fred passar por ela para entrar no salão de chá. Ela se virou e gritou por cima do ombro para a garçonete (em russo): “Dê a ele um copo de ch
Durante o restante de sua estada na Rússia, Fred fez questão de discutir com todos os *Nyet* e ficou surpreso com a frequência com que conseguia o que queria.

É claro que não recomendo a grosseria deliberada, mas sugiro que uma pessoa que vai para o exterior esteja preparada para experimentar diferentes modos de comportamento ao interagir com pessoas nativas. Suas reações nem sempre serão aquelas que esperamos, e uma certa confusão é inevitável enquanto buscamos comunicação. Muitas vezes, como no incidente seguinte, o resultado pode ser uma experiência calorosa, talvez até uma lembrança querida.

O Istanbul Hilton é o ponto de parada preferido de muitos americanos que visitam a Turquia. Mas minha esposa, Beverly, e eu queríamos conhecer a cidade de Istambul e pensamos que poderíamos fazer melhor em outro lugar. Quando chegamos à estação ferroviária, em vez de irmos de táxi para o Hilton, despachamos nossa bagagem e partimos a pé pela movimentada área portuária perto da estação em busca de um hotel adequado.

Pegamos as ruas mais largas e mais facilmente transitáveis e vimos muitas paisagens incomuns. Numa rua secundária, uma fila de homens estava sentado no meio-fio em frente a um prédio. Cada um tinha uma sela amarrada nas costas. Eram carregadores à espera de negócios, o equivalente humano das picapes. Usando as selas, eles podiam carregar enormes pilhas de pacotes e mercadorias, cargas montanhosas que pareciam prestes a cair em cascata a qualquer momento.

Ainda estávamos refletindo sobre as implicações de usar os homens como animais de carga, quando nos deparamos com um hotel que parecia bastante novo. Entramos para perguntar sobre um quarto. Eles nos deram a escolha da casa; o hotel tinha acabado de abrir e os primeiros hóspedes, um ônibus cheio de turistas iugoslavos, só chegariam dentro de uma semana. Dissemos que gostaríamos de ter uma vista do Bósforo e nos designaram um quarto no último andar, o quinto.

Todo o pessoal do hotel parecia ser composto pelo gerente, que poderia entendia um pouco de francês e um porteiro que só falava turco.

Com muitos sorrisos e gestos corteses, o porteiro nos levou para o elevador, nos mostrou nosso quarto e saiu. O quarto era limpo e moderno, e tinha janelas por todos os lados. Na verdade, havia mais janelas do que esperávamos, pois, embora proporcionassem uma bela vista do Bósforo, davam diretamente para corredores e telhados que, para nós, estranhos em Istambul, pareciam tudo menos seguros. Sentimos, especialmente depois de escurecer, que vivíamos numa pequena ilha arejada, cercada de perigos.

Enquanto nos preparávamos para dormir, descobrimos que a água quente ainda não havia sido aberta no hotel, aguardando a chegada dos iugoslavos. Rapidamente nos adaptamos à lavagem em água fria, mas na manhã seguinte fazer a barba revelou-se um problema. Peguei o telefone — durante a primeira e inquieta noite, o telefone passou a parecer a nossa única ligação com o mundo exterior — e quando o porteiro atendeu, pedi água quente. Sem resposta. Tentei francês: *eau chaude.* Ainda sem resposta. Então comecei a folhear a seção de “palavras e frases úteis” em meu guia com uma mão, enquanto fazia malabarismos com o receptor

Machine Translated by Google

com o outro e emitindo grunhidos ocasionais para evitar que o porteiro desligue.

De acordo com o guia, a palavra para “quente” era *sicak* e a palavra para “água” era *su.* Lembrei-me de ter lido em algum lugar que a letra *c* se pronuncia como *j* em turco, então disse ao porteiro: *Su sijak!* Então a lâmpada acendeu e, num triunfo de súbita compreensão, ele disse: *Sijak su! Sijak su!* Corri para lhe confirmar: *sim, sim, sim, oui, oui, oui.* Ele então disse algo em turco, que eu espero que significasse que ele iria me trazer água quente, e desligou.

Cerca de cinco minutos depois, a porta do elevador bateu e ouvimos passos se aproximando do nosso aquário. Eu estava na porta antes que ele batesse. O porteiro, ainda radiante de alegria por compreender meu pedido, carregava um pequeno bule de metal do qual saía um fio de vapor. Era apenas uma fração da quantidade de água que eu gostaria, mas me pareceu infinitamente preciosa. Sorri de volta para ele, dei-lhe uma gorjeta e fechei a porta.

Enquanto estava ali com o pequeno bule de água, percebi que algo especial havia acontecido entre mim e o porteiro. Através da nossa luta para nos comunicarmos, sentimos uma onda de bom companheirismo um pelo outro.

Essa sensação durou o restante de nossa estadia de cinco dias. Todas as manhãs eu pegava o telefone e dizia, com confiança crescente: *Sijak su.* E a resposta viria, calorosa e tranquilizadora, *Sijak su.* Cinco minutos depois, o pequeno bule seria trazido à minha porta. Quando saímos do hotel, o porteiro e eu apertamos as mãos com sincero carinho.

Tínhamos compartilhado uma experiência.

Machine Translated by Google

Chave de resposta para o questionário sobre “Guessable”

Palavras francesas (página 11)

1	2	3	4	5
irmão	curso	felicidade	existência	dia seguinte
jardim	plano	guarda	detalhe	vai
sentimento	papel	valor	raiva	andar
cena	má sorte	hábito	sala de desenho	senhora
situação	inveja	sangue	jornal	multidão
árvore	lugar	cor	flor	garoto
impressão	rei	assunto	boca	gesto
rasgar	franco	título	relatório, relação	sociedade
gosto	campo	Cuidado	fé	sala
lei	importância	culpa, falta	grupo	alegria

Machine Translated by Google

Apêndice 1
Línguas do mundo

Nesta lista, o mundo está dividido em cinco regiões: África, América, Europa, Próximo Oriente e Extremo Oriente. Dentro de cada região, os países são listados em ordem alfabética com suas capitais. Em muitos países, as línguas faladas nas principais cidades que não a capital diferem daquelas usadas na capital. Quando for esse o caso, também são fornecidas informações adicionais para essas cidades.

Os principais idiomas estão listados na segunda coluna. São línguas indígenas, seja oficial ou não oficial, utilizado por um segmento significativo da população.

Outros idiomas estão listados na terceira coluna. Estas são línguas mundiais não indígenas, amplamente utilizadas pelo governo e nos círculos instruídos, ou quaisquer línguas diferentes da língua principal que sejam úteis na comunicação com um segmento substancial da população ou com um grupo minoritário significativo.

Estilo nas entradas

Os parênteses indicam variantes regionais, que podem ou não ser mutuamente inteligíveis. Exemplos: Chinês (Mandarim), Chinês (Cantonês).

Uma *barra* indica que dois nomes diferentes são usados para o mesmo idioma.

Um *hífen* distingue variantes mutuamente inteligíveis. Exemplos: servo-croata; Zulu-Xhosa.

O árabe, que tem muitas variações regionais, algumas mutuamente inteligíveis e outras não, é dividido em oriental e ocidental.

O chinês é dividido em seis variações regionais: Amoy-Swatow, Cantonês, Fuchow, Hakka, Mandarim e Wu. Embora estas línguas não sejam mutuamente inteligíveis na forma falada, os falantes podem comunicar por escrito devido ao seu sistema de escrita pictográfica comum.1

País e cidade	Idiomas Principais	Outras línguas
As Americas		
Antígua		
São João	Inglês	
Argentina		

Machine Translated by Google

bons ares	Espanhol	italiano
Bahamas		
Nassau	Inglês	
Barbados		
Bridgetown	Inglês	
Belize		
Belmopán	Inglês	Maia (Yucatec)
	Espanhol	
Bermudas		
Hamilton	Inglês	
Bolívia		
A paz	Espanhol	aimará
		Quechua
Brasil		
Brasília	Português	
Ilhas Virgens Britânicas		
Cidade Rodoviária	Inglês	
Canadá		
Otava	Inglês	Francês
Montréal	Francês	
	Inglês	
Quebeque	Francês	Inglês
Ilhas Cayman		
Georgetown	Inglês	
Chile		
Santiago	Espanhol	
Concepção	Espanhol	Araucano
		Alemão
Colômbia		
Bogotá	Espanhol	
Costa Rica		
São José	Espanhol	

Machine Translated by Google

Cuba		
Havana	Espanhol	
Domínica		
junco	Inglês Patois Francês	
República Dominicana		
Santo Domingo	Espanhol	
Equador		
Quito	Espanhol	Quechua
El Salvador		
são Salvador	Espanhol	
Ilhas Malvinas		
Stanley	Inglês	
Guiana Francesa		
Pimenta de caiena	Francês crioulo francês	
Granada		
São Jorge	Inglês Patois Francês	
Guadalupe		
Planície	Francês crioulo francês	
Guatemala		
Guatemala	Espanhol	quiche Kakchikel Eu tenho Kekchi
Guiana		
Georgetown	Inglês	Espanhol Não urdu
Haiti		

Machine Translated by Google

Porto Príncipe	Francês	
	crioulo haitiano	
Honduras		
Tegucigalpa	Espanhol	
Jamaica		
Kingston	Inglês	
Martinica		
Forte de França	Francês	
	crioulo francês	
México		
Cidade do México	Espanhol	
Montserrate		
Plymouth	Inglês	
Antilhas Holandesas		
Willemstad	Holandês	Espanhol
	papiamento	Inglês
Nicarágua		
Manágua	Espanhol	
Panamá		
Panamá	Espanhol	Inglês
Paraguai		
Suposição	Espanhol	
	guarani	
Peru		
Cinco	Espanhol	Quechua
Porto Rico		
são João	Espanhol	
	Inglês	
São Cristóvão-Nevis-Anguila		
Basseterre	Inglês	
Santo. Lúcia		

Machine Translated by Google

Castries	Inglês Patois Francês	
São Pedro e Miquelon		
São Pedro	Francês	
São Vicente		
Kingstown	Inglês	
Suriname		
Paramaribo	Sranan Não Javanês Holandês	Inglês Espanhol
Trinidad e Tobago		Não
Porto da Espanha	Inglês	
Ilhas Turcas e Caicos		
Grande Turco	Inglês	
Estados Unidos		
Washington DC	Inglês	Espanhol
Uruguai		
Montevidéu	Espanhol	italiano Português
Venezuela		
Caracas	Espanhol	

Europa

Albânia		
Tirana	albanês	
Andorra		
Andorra a Velha	catalão	
Áustria		
Viena	Alemão	servo-croata Eslovaco húngaro Tcheco

Machine Translated by Google

Açores		
Ponta Delgada	Português	
Bélgica		
Bruxelas	Holandês-Flamengo	Alemão
	Francês	italiano
Bulgária		
Sofia	búlgaro	turco
		cigano
Checoslováquia		
Praga	Tcheco	Eslovaco
		Alemão
		russo
Bratislava	Eslovaco	Tcheco
		Alemão
		húngaro
		cigano
Dinamarca		
Copenhague	dinamarquês	Alemão
		Inglês
Inglaterra		
Londres	Inglaterra	
Finlândia		
Helsínquia	finlandês	sueco
		Inglês
França		
Paris	Francês	2
Alemanha, Leste (Democrata Alemã República)		
Berlim Oriental	Alemão	polonês
Alemanha, Oeste (Federal Alemã República)		
Bona	Alemão	*
Gibraltar		

Machine Translated by Google

Gibraltar	Inglês Espanhol	
Grécia		
Atenas	grego	Francês
Groenlândia		
Boa sorte	dinamarquês Groenlandês	
Hungria		
Budapeste	húngaro	Alemão Eslovaco
Islândia		
Reykjavík	islandês	dinamarquês norueguês sueco Inglês Alemão
Irlanda		
Dublin	Inglês gaélico	
Itália		
Roma	italiano	
Liechtenstein		
Vaduz	Alemão	
Luxemburgo		
Luxemburgo	Francês Alemão	*
Malta		
Valeta	maltês Inglês	italiano
Mônaco		
Mônaco-Ville	Francês Monegasco	
Os Países Baixos		

Machine Translated by Google

Amsterdã	Holandês	Inglês
Irlanda do Norte		
Belfast	Inglês	
Noruega		
Oslo	norueguês	Inglês
Polônia		
Varsóvia	polonês	
Poznaÿ	polonês	Alemão
Portugal		
Lisboa	Português	
Romênia		
Bucareste	romena	Francês Alemão húngaro
São Marino		
São Marino	italiano	
Escócia		
Edimburgo	Inglês	gaélico
Espanha		
Madri	Espanhol	
Barcelona	Espanhol catalão	
Bilbau	Espanhol	Basco
Suécia		
Estocolmo	sueco	finlandês Inglês
Suíça		
Berna	Alemão (Suíço)	Alemão Francês italiano
Genebra	Francês	Alemão

Machine Translated by Google

		italiano
Zurique	Alemão (Suíço)	Alemão Francês italiano
União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)3		
RSS da Armênia	russo	
(Erevan)	Armênio (Oriental)	
RSS do Azerbaijão	russo	Armênio (Oriental)
(Cru)	Azerbaijano	
RSS da Bielorrússia	russo	polonês
(Minsk)	Bielorrússia	
RSS da Estônia	russo	
(Talim)	estoniano	
RSS da Geórgia	russo	Armênio (Oriental)
(Tbilissi)	Georgiano	
RSS do Cazaquistão	russo	ucraniano
(Alma-Ata)	Cazaque	
RSS do Quirguistão	russo	ucraniano
(Folhas)	Quirguistão	
RSS da Letônia	russo	
(Antecipar)	letão	
RSS da Lituânia	russo	polonês
(Vilnius)	lituano	
RSS da Moldávia	russo	ucraniano
(Chisinau)	Moldávio	
RSFS russa	russo	Armênio (Oriental)
(Moscou)		ucraniano tártaro
RSS Tadjique	russo	Usbeque

Machine Translated by Google

(Segunda-feira)	Persa (Tadzhik)	
RSS do Turcomenistão	russo	Usbeque
(Ashkhabad)	turcomano	
RSS da Ucrânia	russo	
(Kiev)	Ucraniano	
RSS do Uzbequistão	russo	
(Tashkent)	Usbeque	

Cidade do Vaticano	italiano	

País de Gales		
Cardife	Inglês galês	

Iugoslávia		
Belgrado	servo-croata	Francês Alemão Macedônio esloveno albanês húngaro

Oriente Próximo

Afeganistão		
Aceitação	Persa (Afegão) pashto	Francês Alemão Usbeque

Bahrein		
Manama	Árabe (Oriental)	

Bangladesh		
Daca	bengali	Inglês

Butão		
Timbu	tibetano	

Oceano Índico Britânico		
Território	Inglês	

Machine Translated by Google

	Francês	
	crioulo francês	

Ceilão *(ver* Sri Lanka)

Chipre		
Nicósia	grego	Inglês
	turco	

Egito

Cairo	Árabe (Oriental)	Inglês
		Francês
Alexandria	Árabe (Oriental)	Francês
		grego

Índia		
Nova Delhi	Não	urdu
		Panjabi/Punjabi
		Inglês
Bombaim	Marathi	Inglês
	Guzerate	urdu
	Não	
Calcutá	bengali	Inglês
	Não	Oriá
		Assamês
Madras	tâmil	Inglês
		Telugu
		malaiala
		Kannada

Irã

Teerã	Persa (iraniano)	Francês
Khorramshahr	Persa (iraniano)	Francês
	Árabe (Oriental)	
Tabriz	Persa (iraniano)	curdo
	Azerbaijano	Francês
		russo
		Armênio (Oriental)

Iraque		

Machine Translated by Google

Bagdá	Árabe (Oriental)	curdo
Israel		
Jerusalém	hebraico	Inglês
	Árabe (Oriental)	Francês
		Alemão
Tel Aviv	hebraico	Árabe (Oriental)
		Alemão
		russo
		Francês
		iídiche
		Judaico-Espanhol
		Inglês
Jordânia		
Amã	Árabe (Oriental)	
Kuwait		
Kuwait	Árabe (Oriental)	Persa (iraniano)
Líbano		
Beirute	Árabe (Oriental)	Francês
		Armênio (Ocidental)
Ilhas Maldivas		
Pequeno	Maldivas	
Nepal		
Catmandu	nepalês	Inglês
		Não
		Bhojpuri
		Newari
Meu próprio		
Mascate	Árabe (Oriental)	
Paquistão		
Islamabade	urdu	Inglês
	Panjabi/Punjabi	Lahnda
		pashto
Lahore	urdu	Inglês
	Panjabi/Punjabi	Lahnda

Machine Translated by Google

Carachi	urdu	Inglês
	Sindi	Guzerate
Catar		
Doha	Árabe (Oriental)	
Arábia Saudita		
Jidá	Árabe (Oriental)	
Sul do Iêmen		
Áden	Árabe (Oriental)	Não
		somali
		Inglês
Sri Lanka (Ceilão)		
Colombo	Cingalês	tâmil
		Inglês
Síria		
Damasco	Árabe (Oriental)	Francês
		Inglês
Alepo	Árabe (Oriental)	Francês
		turco
		Armênio (Ocidental)
		curdo
Peru		
Ancara	turco	Francês
Adana	turco	Árabe (Oriental)
		curdo
Istambul	turco	Francês
		Armênio (Ocidental)
		grego
		Judaico-Espanhol
Emirados Árabes Unidos		
Abu Dabi	Árabe (Oriental)	
Iémen		
Arte	Árabe (Oriental)	

Machine Translated by Google

Samoa Americana

Pagamento	Inglês samoano	

Austrália

Canberra	Inglês	

Brunei

Bandar Seri Begawan	malaio	Chinês (Hakka) Inglês Estavam indo

Birmânia

Para Rango	birmanês	Chinês (cheiro) Chinês (Cantonês) Mandarim chinês) Karen (Sgaw) Karen (Pwo)

Camboja *(ver* Kampuchea)

China (República Popular da China)

Pequim (Pequim)	Mandarim chinês)	
Xangai	Mandarim chinês) Chinês (Wu)	Chinês (Fuchow)
Cantão	Mandarim chinês)	Chinês (Hakka)
(Cantão)	Chinês (Cantonês)	Chinês (Swatow)
Nanning	Mandarim chinês) Chinês (Cantonês) Zhuang	Deles

China, Nacionalista (Taiwan)

Taipei	Mandarim chinês) Chinês (cheiro)	Chinês (Hakka) Chinês (Fuchow)

Fiji

Suva	Fijiano Não	Inglês Francês tâmil

Machine Translated by Google

Polinésia Francesa		
Papete	taitiano Francês	
Ilhas Gilbert		
Coleção	Gilbertês Inglês	
Guam		
Agagna	Inglês Chamorro	Ilocano
Hong Kong	Chinês (Cantonês)	Mandarim chinês) Inglês
Indonésia		
Jacarta	indonésio	Chinês (cheiro) Sudanês Javanês Holandês
Surabaia	indonésio Javanês	maduro Chinês (cheiro)
Japão		
Tóquio	japonês	
Kampuchea (Camboja)		
Phnom Penh	Cambojano	Francês Chinês (Cantonês) Chinês (Swatow) vietnamita
Coreia, Norte (Povo Democrata República da Coreia)	coreano	
Pyongyang		
Coreia do Sul (República da Coreia)		
Seul	coreano	
Laos		
Vienciana	tb	Francês Chinês (Cantonês) Chinês (Swatow)

Machine Translated by Google

		vietnamita
Macau		
Cidade de Macau	Português Chinês (Cantonês)	
Malásia		
Kuala Lumpur	malaio	Chinês (cheiro) Chinês (Hakka) Chinês (Cantonês) Mandarim chinês) Chinês (Fuchow) Inglês tâmil Javanês
Kuching	malaio Chinês (Hakka) Chinês (Fuchow)	Inglês Chinês (Cantonês) Mandarim chinês) Estavam indo Diaque terrestre
Mongólia		
Ulaanbaatar	Khalkha mongol	russo
Nauru		
Nauru	eu ri Inglês	
Nova Caledônia		
Nouméa	Francês	
Novas Hébridas		
Vila	Inglês Francês Inglês pidgin	
Nova Zelândia		
Wellington	Inglês	maori
Marianas do Norte		
Saipan	Chamorro	Inglês
Okinawa		Inglês
Pele	japonês	

Machine Translated by Google

	Ryukyuan	
Papua Nova Guiné		
Porto Moresby	Inglês Inglês pidgin	Ilha
As Filipinas		
Cidade de Quezon	Filipino/Tagalo	Inglês Espanhol Ilocano Visayan (Cebuano) Chinês (cheiro) Mandarim chinês)
Ilhas Pitcairn	Inglês	
Cingapura		
Cingapura	malaio Chinês (Amoy-Swatow) Chinês (Cantonês)	Inglês Mandarim chinês) Chinês (Hakka) tâmil
Ilhas Salomão		
Honiara, Guadalcanal	Inglês Inglês pidgin	
Tailândia		
Bangkok	tailandês	Chinês (Swatow)
Chegado		
Nuku'alofa	tonganês Inglês	
Território Fiduciário das Ilhas do Pacífico	Inglês	Trukese e oito outros micronésios línguas
Tuvalu		
Lutar	Polinésio Elliceano	Inglês samoano
Vietnã		
Hanói	vietnamita	Mandarim chinês) Chinês (Cantonês)

Machine Translated by Google

Saigon (cidade de Ho Chi Minh)	vietnamita	Chinês (Cantonês) Francês Cambojano
Ilhas Wallis e Futuna Tela de pagamento	Francês	
Samoa Ocidental		
Ápia	samoano Inglês	

África

Argélia		
Argel	Árabe (ocidental)	Francês Berbere (cabila)
Angola		
Luanda	Quimbundo	Português Umbudu Claro Uma muleta
Benin (Daomé)		
Porto Novo	Fon	Francês Iorubá
Botsuana		
Gaberone	Tswana/Setswana	Inglês
Burundi		
Bujumbura	Outro/Outro	Francês Kinyarwanda suaíli/suaíli
Camarões		
Yaoundé	Ewondo Wescos/Inglês crioulo	Francês Inglês dual Fang-Bulu Feio

Machine Translated by Google

Ilhas de Cabo Verde

Praia	Português	
	crioulo português	

República Centro-Africana

Bangui	sangue	Francês
	Banda	
	Audacioso	

Chade

N'Djamena		Francês
	Árabe (Oriental)	Sara

Comores

Morôni	Francês	malgaxe
	suaíli/suaíli	

Congo

Brazavile	Lingala	Francês
	Kituba/Munukutuba	Uma muleta
		Chá

Congo (Kinshasa) *(ver* Zaire)

Daomé *(ver* Benin)

Djibuti

Djibuti	Longe	Francês
	somali	Árabe (Oriental)

Guiné Equatorial

Embaçado	Presa	Espanhol
		Seriamente
		Iorubá

Etiópia

Adis Abeba	amárico	Inglês
		Oromo/Galla
		italiano
Romance	Tigrínia	amárico
	Árabe (Oriental)	italiano
		tigre

Machine Translated by Google

Gabão		
Libreville	Fang-Bulu	Francês
A Gâmbia		
Banjul	Mandingo (Malinke)	Feio Inglês Uolof
Gana		
Acra	Will (Twi) Aqui	Inglês Folha Hauçá
Guiné		
Conacri	Leite Mandingo (Malinke) Feio	Francês
Guiné-Bissau		
Bissau	Português Saldos Feio	
Costa do Marfim		
Abidjan	Porta-malas	Francês Mandingo (Dioula)
Quênia		
Nairóbi	suaíli/suaíli Kikuyu	Inglês Luo Masai Corda
Mombaça	suaíli/suaíli	Inglês Árabe (Oriental)
Lesoto		
Maseru	Soto/Inglês	Inglês
Libéria		
Monróvia	Inglês	Baixo

Machine Translated by Google

	Inglês pidgin	Ou Kpelle
Líbia		
Trípoli	Árabe (ocidental)	italiano Berbere (Djebel Nafusi)
Madagáscar		
Antananarivo	malgaxe	Francês
Maláui		
Lilongwe	Inglês/ Chinês/ Mar	Inglês Deles Tumbuka
Eles tinham		
Bamaco	Mandingo (Bambará)	Francês Fula/Toucouleur
Mauritânia		
Nouakchote	Árabe (ocidental)	Francês Feio Uolof Berbere (Zenaga)
Maurício		
Porto Louis	Maurício Crioulo	Inglês Francês Bhojpuri
Marrocos		
Rabate	Árabe (ocidental)	Francês Berbere (Tamazight)
Tânger	Árabe (ocidental)	Berbere (Rif) Francês Espanhol
Moçambique		
Maputo	Tsonga	Português Queimar
Beira	Inglês/	Português

Machine Translated by Google

	Chinês/	
	Mar	
	Shona	
Moçambique	Pai	Português
		suaíli/suaíli
Namíbia		
Windhoek	africano	Alemão
	Inglês	Ovambo
		Hereró
Níger		
Niamey	Hauçá	Feio
	Djerma-Songhai	Francês
		Tamashek
Nigéria		
Lagos	Iorubá	Inglês
	Inglês pidgin	Hauçá
		Ibo
Ibadã	Iorubá	Hauçá
		Inglês
Enugu	Ibo	Inglês
		Hauçá
		efeito
		Ijaw
Kano	Hauçá	Inglês
		Feio
		Kanuri
República da África do Sul		
Cidade do Cabo	africano	Zulu-Xhosa
Pretória	africano	Zulu-Xhosa
	Inglês	Soto-Sesoto
		Tswana/Setswana
		Tsonga
Durban	Inglês	Zulu-Xhosa
	africano	Guzerate
Reunião		

Machine Translated by Google

Saint Denis	Francês	
	Reunião crioula	
Ruanda		
Quigali	Kinyarwanda	Outro/Outro
		suaíli/suaíli
		Francês
Santa Helena		
Jamestown	Inglês	
São Tomé & Príncipe		
São Tomé	Português	
	crioulo português	
Senegal		
Dacar	Uolof	Francês
		Fula/Toucouleur
		Estufas
		Mandingo (Malinke)
		Ele diz
		Soninké
		Árabe (ocidental)
Seicheles		
Vitória	Inglês	
	Francês	
	crioulo francês	
Serra Leoa		
Cidade Livre	Kryo	Inglês
		Século
		Escuros
República Democrática da Somália		
Mogadíscio	somali	italiano
		Árabe (Oriental)
		Inglês
Sudão		
Cartum	Árabe (Oriental)	Núbio
		navio

Machine Translated by Google

		Inglês
Já	Inglês	De costura
	Árabe (Oriental)	Nuer
	Pidgin árabe	Zande
	Eles eram	Toposa
		Lótus
		Shilluk
Suazilândia		
Mbabane	Swati/Sra.	Inglês
		Zulu-Xhosa
		africano
Tanzânia		
Dar es Salaam	suaíli/suaíli	Nyamwezi-Sukuma
		Guzerate
		Inglês
Ir		
Lomé	Folha	Francês
		cova
Tunísia		
Tunes	Árabe (ocidental)	Francês
Uganda		
Campala	Inglês/Ganda	Inglês
		suaíli/suaíli
		Acholi
Alto Volta		
Ouagadougou	Mais	Mandingo (Bambará)
		Francês
		Feio
Zaire		
Kinshasa	Lingala	Francês
	Kituba/Munukutuba	Uma muleta
É um fungo	suaíli/suaíli	Francês
	Água	
Lubumbashi	suaíli/suaíli	Francês

Machine Translated by Google

	Bemba/Cibemba Lund Luba (Katanga)	
Zâmbia		
Lusaca	Inglês/ Chinês/ Mar Bemba/Cibemba	Inglês Tonga/Citonga
Zimbábue		
Salisbúria	Shona	Inglês Me esqueça Inglês/Chinês/ Mar

1. A ajuda na atualização foi fornecida por William W. Gage, do Center for Applied Linguistics, Washington, DC

2. Os trabalhadores imigrantes constituem uma parte significativa da população. Os idiomas representados podem variar ao longo dos anos. Atualmente, em Paris, o espanhol, o português, o italiano e o árabe (ocidental) são importantes. Na Alemanha, são encontrados italianos, espanhóis, gregos, turcos e servo-croatas. No Luxemburgo, o português é predominante.

3. As entradas para a URSS são listadas em ordem alfabética por república, com a capital da república entre parênteses.

Machine Translated by Google

Apêndice 2
Programas de idiomas Pimsleur e data inicial Publicados

grego	1963
Francês	1964
Espanhol Latino-Americano	1966
Alemão	1967
Twi	1971
hebraico	1982
russo	1984
Portugues do Brasil	1990
Árabe Oriental	1991
Inglês para espanhol	1991
chinês mandarim	1991
Tcheco	1993
Holandês	1993
ucraniano	1993
albanês	1994
Ojíbua	1994
Português Europeu	1994
crioulo haitiano	1995
italiano	1995
japonês	1995
suíço-alemão	1995

Machine Translated by Google

vietnamita	1995
Leste da Armênia	1996
Cantonês Chinês	1996
Coreano	1996
L ituano	1996
Obtendo P	1996
E egípcio Um árabe	1997
Armênio Ocidental	1997
croata	1999
Dinamarquês	1999
hindi	1999
Eles costumavam	1999
eu arroz	1999
Agora, de fato	1999
Sueco	1999
Romena	2000
Vento S	2000
É isso	2000
Fário persa	2002
Tur ki sh	2006
T alogo	2007
húngaro	2008
D ari persa	2009
Ashto	2010
Urdu	2010
Árabe padrão moderno	2012
Finlandês	2012
P você nj abi	2012
Castelhano Espanhol	2012

Machine Translated by Google

Pimsleur Language Programs Inglês como Segunda língua

Inglês para falantes de espanhol	1991
Inglês para falantes de japonês	1994
Inglês para falantes de mandarim	1996
Inglês para falantes de francês	1999
Inglês para falantes de hindi	1999
Inglês para falantes de italiano	1999
Inglês para falantes de coreano	1999
Inglês para falantes de russo	1999
Inglês para falantes de chinês cantonês	2000
Inglês para falantes de alemão	2000
Inglês para falantes de árabe	2001
Inglês para quem fala português	2001
Inglês para falantes de vietnamita	2003
Inglês para falantes de haitiano	2004
Inglês para falantes de persa farsi	2006

Machine Translated by Google

Paul Pimsleur (17 de outubro de 1927 a 22 de junho de 1976) foi um estudioso na área de ensino de línguas, testes e linguística aplicada. Ele desenvolveu o sistema de aprendizagem de línguas Pimsleur, que, juntamente com suas muitas publicações, teve um efeito significativo nas teorias de aprendizagem e ensino de línguas. Dr. Pimsleur recebeu um diploma de bacharel pelo City College de Nova York, bem como um mestrado em estatística psicológica e um doutorado. em francês, ambos pela Columbia University. Ele ocupou cargos na UCLA; Ohio State University, onde criou o Listening Center, um laboratório de idiomas único; e Universidade Estadual de Nova York em Albany. Foi conferencista da Fulbright e membro fundador do Conselho Americano de Ensino de Línguas Estrangeiras (ACTFL).

CONHEÇA OS AUTORES, ASSISTA A VÍDEOS E MAIS EM

SimonandSchuster. com

DESCUBRA MAIS LIVROS GRANDES EM BOOKish.com

Machine Translated by Google

Esperamos que você goste do livro *Como aprender uma língua estrangeira* do Dr. Pimsleur

Inscreva-se em nossa newsletter e receba ofertas especiais de Cursos Pimsleur, notícias dos próximos idiomas e outros Pimsleur notícias.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

ou visite-nos online para se inscrever

em www.pimsleur.com

Machine Translated by Google

Fontes usadas para “Línguas do Mundo"

Publicações Almanaque. *O Almanaque Oficial da Associated Press.* Nova York: Publicações Almanaque, 1973.

Atlas Narodov Mira (Atlas dos Povos do Mundo). Moscou: Academia de Ciências de URSS, 1964.

Serviços de informação britânicos. *Estados Associados e Dependências da Grã-Bretanha.* Norwich, Inglaterra: Page Bros. Ltd., 1972.

Correspondência datada de 27 de abril de 1973, com Alain Chaillou, Diretor, Ministro Plenipotenciário, Embaixada da França, Nova York.

Correspondência datada de 2 de maio de 1973, com Carlos Lamero, Diretor, Turismo Português e Escritório de Informações, Nova York.

Instituto de Serviço Exterior. “Lista por correio de idiomas úteis para fins de serviço estrangeiro dos EUA em postos estrangeiros.”

Hayes, Curtis W., Orenstein, Jacob e Gage, William W. *ABC de Línguas e Lingüística.* Silver Springs, MD: Instituto de Línguas Modernas, 1977. Apêndice.

Muller, Siegfried H. *As línguas vivas do mundo.* Nova York: Frederick Ungar Publishing Co., 1964.

Arroz, Frank A. (Ed.). *Estudo do papel das segundas línguas na Ásia, África e América Latina.* Washington, DC: Centro de Lingüística Aplicada, 1962.

Machine Translated by Google



Pimsleur. com

1-800-831-5497

Machine Translated by Google



Programas de idiomas Pimsleur
Simon & Schuster Áudio
30 Praça do Monumento
Concórdia, MA 01742

Programas de idiomas Pimsleur
Simon & Schuster Áudio
Avenida das Américas, 1230
Nova York, NY 10020
www.SimonandSchuster.com

Primeira edição de capa dura e edição de e-book Copyright © 2013
Cengage Learning

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir este livro ou partes dele em qualquer forma.

Pimsleur® é uma marca da Simon & Schuster Audio, uma divisão da Simon & Schuster, Inc. Todos os direitos reservados.
PIMSLEUR® é uma marca registrada de Beverly Pimsleur, usada pela Simon & Schuster sob licença exclusiva.

Primeira Edição Copyright © 1980 Heinle & Heinle Publishers, Inc.

Design de jaqueta por Tom McKeveny

Fotografias de jaqueta © Shutterstock

Os dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso estão disponíveis.

ISBN 978-1-4423-6902-3 (capa dura)

ISBN 978-1-4423-6903-0 (e-book)